



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

A escolha certa

Autor:

Publicado em 15/11/2021

Entrevista de André Cimbleiris

Entrevistada por Torigoe/Daniela

20/04/2021

Realização: Museu da Pessoa

Entrevista número FURNAS_HV007

Transcrito por Aponte

0:00

P/1 – Quería só que você me falasse se o seu nome completo, a cidade que você nasceu e que data que foi, por favor?

R - Me chamou André Carlos Prates Cimbleiris, sou natural do Rio de Janeiro, desculpa! Qual é a terceira informação?

0:32

P/1 - Qual é a data?

R - Eu nasci em 3/4/1958.

0:41

P/1 - André você sabe a história de como é que foi o dia que você nasceu? Seus pais te contaram como é que foi isso?

R – Olha, curioso você me perguntar isso, porque na verdade eu só sei que eu nasci de madrugada. 3hs da manhã. E que era uma maternidade em Botafogo. Talvez por ser o ano de 58, que o Brasil ganhou a Copa do Mundo. Eu já me contento com esse fato para enaltecer o ano do meu nascimento. Mas nada de especial que eu me recorde. Eu estou surpreso, porque por trás dessa sua pergunta eu constato que eu pessoalmente nunca tive essa curiosidade. “Olha, aconteceu alguma coisa”. Mas olha é aquela velha máxima, “no news, good news”. O fato de não ter nenhum fato assim, para mim é um indício de que foi tudo tranquilo. Eu tomo por aí.

2:05

P/1 – E qual que é o nome do seu pai e da sua mãe?

R - Meu pai eu vou ter que explicar a origem, porque ele chamava Borisas, chamava Borisas Cimbleiris. Têm que explicar Borisas. Ele era Lituano e veio para o Brasil com 11 anos de idade. Meu avô era Russo e minha avó também lituana. A Lituânia é ali nos Balcãs, na Lituânia Estônia e Letônia, vizinha da Polônia, para localizar mais ou menos. País pequenininho. E tenho então por lado de pai, essa origem lituana. Minha mãe mineira. Chama Maria Honorina Prates Cimbleiris. Como nós brasileiros, sempre tem alguma mistura, alguma natureza. Inclusive, desculpa atravessar o samba aqui, mas isso... Eu fiz um doutorado no Canadá e minha primeira conversa com orientador, ele virou para mim e falou assim: você é brasileiro, então sua mãe tem sangue negro. Para me provocar né. Eu falei: acredito que sim, felizmente! Porque a gente sabe da biologia, quanto maior a diversidade de genes mais forte é mais fortalecido o indivíduo, é isso, é uma mistura.

3:50

P/1 - E você sabe como é que seu pai e sua mãe se conheceram André?

R – Sei! Foi, agora não sei se foi um congresso de astronomia, em Araxá. Que eles se conheceram nesse evento. Meu pai ele sempre foi um cientista e minha mãe ela gostava muito de passear, ela era atleta. Minha mãe foi campeão sul-americana de natação, pelo Minas Tênis Clube. E eles se conheceram nesse evento em Araxá. Foi uma união inusitada. Em função das características de cada um. Mas foi num evento em Araxá que eles se conheceram. E essa coisa.

4:50

P/1 - Por que a família do seu pai veio para cá? Que ano que foi? Como é que foi essa viagem?

R - Eles vieram para cá como vários imigrantes que chegaram ao Brasil. Eles vieram fugindo da segunda guerra. Inclusive tem uma história, que a minha avó se casou com meu avô, por questão de sobrevivência. Porque a minha avó tinha ascendência judaica, mas ela nunca praticou não. Não sei também se foi vantagem isso. Mas com essas raízes judaicas, vamos dizer assim. Se você me perguntar o ano que eles chegaram aqui, acho que foi 1938, algo assim. Foi uma falha aqui na minha... Mas foi fugindo da segunda guerra. Eles chegaram em São Paulo, tinham parentes aqui. E aí meu avô logo se estabeleceu bem em São Paulo. Ele trabalhava com Caldeiras, acabou sendo consultor da Milktx. Que era uma empresa de chocolate, lá em Poços de Caldas. Tinha uma chácara lá, apartamento em São Paulo. Meu pai e minha tia, ele tem uma irmã viva até hoje, minha madrinha a Irene. Eles tiveram infância em São Paulo. Depois meu pai foi estudar em Ouro Preto e acabou fixando raiz em Belo Horizonte. Se tornou professor da escola Engenharia. Mas também era pesquisador, tinha um Instituto de Pesquisa Radioativa, PR na época. Meu pai ele também participou muito das pesquisas nucleares. Chegou até a participar desse acordo Brasil, Alemanha. Meu pai era físico nuclear. Aí no final da vida, perguntava a profissão dele, ele dizia que ele era tradutor, no final da vida, qual sua profissão? “sou tradutor.” Realmente ele falava várias línguas. Eu lembrando disso, fico até talvez um pouco constrangido, quão distante eu fiquei dele. Meu pai realmente era uma sumidade no mundo, aspectos intelectualmente falando.

7:45

P/1 – A família da sua mãe, eles são de onde? Aonde sua mãe nasceu?

R – Olha, eu espero não passar a impressão de arrogante, que realmente, eu tenho até certo... Eu não gosto de arrogância, nem prepotência. Apesar de eu te confesso, sem querer ficar muito esotérica aqui a conversa, que eu tenho até que me cuidar. Porque eu tenho uma tendência, um ego muito forte. Uma coisa que eu não soffro, é de baixo estima. Isso tem os aspectos positivos, mas eu tenho que ficar vigilante em relação ao ego, acho isso realmente um perigo. Porque eu estou te falando isso. Minha mãe é natural de Teófilo Otoni, família Prates de Teófilo Otoni. E minha família é aquela tradicional família, que não é rica. Eu até acho que isso conta a favor, não quero desmerecer os ricos, não. E insinuar que se eles são ricos é porque alguma coisa errada eles fizeram. Não vou dizer isso, não. Mas é uma família tradicional mineira. Inclusive o meu bisavô, ele deu o nome ao bairro da cidade de Belo Horizonte, Carlos Prates. E meu avô seguiu a carreira dele, meu avô Carlos Prates, também foi engenheiro. Mas família Prates, concluindo, era bastante tradicional lá em Belo Horizonte, em Minas Gerais. E aí eu tive uma educação muito privilegiada. Estudei no Goiola, que é o Santo Inácio de Belo Horizonte. Então apesar de não ser rico, eu sempre frequentei, vamos dizer assim, a classe A mineira. Tinha coleguinha que me chamava para visitar a fazenda dele, quando eu via ele estava me levando de jato. Umhas experiências curiosas. Mas foi bastante rico, num termo mais amplo. A minha vivência de ter nascido no Rio e depois ter ido morar em Belo Horizonte. Meu pai não aguentava o calor do Rio de Janeiro, foi o motivo que me informaram que foi para Belo Horizonte. Mas é muito enriquecedora a experiência de conviver com várias classes, vamos dizer assim. Eu digo isso, porque depois por própria iniciativa, na juventude, a gente se envolveu com grupos, eu não sei se chamo de religiosos. Grupos de ações sociais. A gente ia às vezes para Recife, participava de mutirão. Fazia umas viagens e me hospedava em casa de pescadores, que não tinha nem móvel direito, a casa da pessoa. Te convidava para jantar, você via que ele estava repartindo a comida dos filhos com você. Isso eu vou até me segurar aqui para não me emocionar. Porque até nos tempos atuais, solidariedade é um aspecto muito desejável e até então, totalmente em desuso. A gente inclusive está repreendendo algumas atitudes mais solidárias, por forças das circunstâncias. A gente foi falar na família da minha mãe e eu acabei... Não sei se a própria dinâmica da entrevista é isso mesmo. Você vai desviando. Mas a família minha mãe, eu quero te registrar, que até recentemente, eu fiz uma declaração a ela, declaração de amor. Que a minha mãe, ela me deu os valores inestimáveis, ela me ensinou a respeitar as pessoas de uma maneira... Lucas, tá difícil aqui não se emocionar... Curioso... Mas é isso, eu sou muito grato aos meus pais, aos valores.

13:00

P/1 - E quando você nasceu André, você ficou pouco tempo no Rio de Janeiro, você se lembra disso?

R - Pouco tempo, 3 anos. Olha, eu me lembro de muita pouca coisa. Talvez um pedalinho na Lagoa, são flashes, uma varanda. A casa que eu morei no Rio ela existe até hoje. Porque ela virou laboratório, na Joana Angélica, na esquina da Joana Angélica. Os padrões atuais, se você olhar, vai falar, “esse cara era rico, morar nessa casa, zona sul, Joana Angélica”. Era Joana Angélica com... Mas não importa, a casa existe até hoje, é uma satisfação quando eu passo e olho para ela. Ficava duas quadras da Lagoa, 5 quadras da praia. Mas me lembro pouquíssimo. Eu me lembro mais na minha adolescência, que eu vinha muito ao Rio. Mas a infância em Belo Horizonte, foi muito boa. Eu acho que toda geração tem a tendência a achar que sua geração foi a melhor que existiu em termos de tudo, vivência, música. Mas no meu caso é verdade, no meu caso é verdade. Você como uma pessoa culta, deve lembrar. O universo musical da minha geração é um absurdo de rico, a gente viveu Beatles, Rollin Stones, Tropicália, não para, Jovem Guarda, infinita a quantidade de produção musical. Cultural, cinematográfica, artes. Desculpa viu Lucas, você vai falando eu vou desviando. Eu estou até me perdendo aqui no que você perguntou. Bom, mas Belo Horizonte. A minha infância foi aquela casa com quintal, e eu me lembro que eu ia para o colégio a pé, voltava a pé. Ia para a rua brincar com os meninos, brincava com os meninos da favela. Quando a gente brigava eles chamavam a gente de macarrão da Santa Casa, a gente chamava de picolé de piche, até as agressões eram poéticas, naquela época. E a gente saía de bicicleta e sumia, era outro mundo, era outro mundo. A gente saía de bicicleta pela cidade, entrava em córregos, mato, ia, voltava, vivência de moleque. É uma pena, podia ser mais talentoso para escrever minhas memórias de infância aqui. Literariamente eu acho que já escreveram tudo sobre isso, “O meu pé de laranja lima”. Não falta! Mas muito rico Lucas. Não quero ficar me gabando, não. É só agradecimento. E com certeza sua geração, a geração que está chegando agora, tem outros atributos, outras vantagens, com certeza. Eu tenho essa crença, cada tempo com suas dificuldades, seus benefícios e suas vantagens. Mas foi muito bom o tempo que eu fiquei em Belo Horizonte. E minha mãe me criou de uma maneira muito positiva, eu digo isso, porque eu tive o privilégio de conhecer outra cultura. Isso era mais real um tempo atrás. Essa questão da amabilidade, da hospitalidade da natureza brasileira. Mas nós latinos, nós somos muito ligados a laços familiares. E como tudo tem prós e contras. Porque eu estou entrando nisso, a gente vê lá... Eu tive a oportunidade de ir no Canadá. No Canadá você vê família com pai rico e filho pobre, você vê filho rico e pai pobre, pra nossa cultura isso é um absurdo, uma violência terna. Mas do ponto de vista social, tem uma saúde nisso. Porque eu estou falando isso, a nossa classe média, é muito comum, você ver aquele filho, o irmão, que ele acomoda. E aí ele fica morando com os pais. E na nossa cultura isso é aceitável. A cultura norte-americana, ela é mais parecida com os animais, num sentido positivo. O que seria natural. O filhote quando ele adquire, falando pássaros, ele adquire a capacidade de voar, ele sai do ninho e vai buscar sua própria comida. E a gente tem essa, que eu vou chamar de vício. Porque isso gera distorção, gera doença, de acomodação. Então se a pessoa não tem uma índole, vamos dizer assim, exploradora, tem ambições de vida, para voltar a nossa classe média. Isso num tempo mais atrás, que os tempos eram menos difíceis, não sei atualmente como está isso. Talvez hoje pela necessidade, essa benevolência. As pessoas tenham mais senso de realidade e busquem educar seus filhos de uma maneira que eles busquem seu caminho, sua autonomia, sua independência financeira.

19:36

P/1 - Você tem irmãos?

R – Tenho! Um irmão mais velho e um mais novo, eu sou o do meio. Mas minha mulher tem uma definição muito boa para adulto. Você sabe o que é adulto? É aquele indivíduo que paga as próprias contas. Olha que bom, eu acho isso perfeito. E nesse sentido é muito comum, na nossa classe média, eu conheço vários casos próximos. Sempre tem um filho, que não funciona, vamos dizer assim, eu acho que é uma maneira até injusta, as pessoas não podem ser classificadas, eu acredito também, meramente, uma questão de produtividade, que isso é um aspecto do primeiro mundo, que às vezes até nos agride. Eles são muito objetivos. Mas antes as pessoas serem julgadas pelo que elas entregam, pelo que elas produzem. Do que serem julgadas pelo que elas têm. Nós somos normalmente julgados pelas nossas posses, é pior ainda. Apesar de que ser julgado pela entrega, meramente, também tem uma crueldade nisso. E aí que a gente talvez tenha muito aprender com a cultura indígena. Em termos de sociabilidade, respeito, senso de coletividade, que falta muito ao brasileiro. Nós somos impressionantes. Voltando a esse comparativo. No primeiro mundo você vê que as pessoas têm um senso de coletividade. Elas não jogam um papel no chão, elas não sujam uma praça, isso já está interiorizado, você vai dizer: porque se jogar ela é multada. Pode fazer parte do processo de aprendizagem, pessoa passar a respeitar o espaço público, mas isso interiorizado. Então lá, uma praça pública, eles têm a noção de que é de todos. Aqui no Brasil o espaço público, o que é de todos, não é de ninguém. Isso é muito sério, isso traz consequências drásticas para a sociedade em todos os aspectos. Uma sociedade que tem espírito de coletividade, senso de coletividade, é uma sociedade desenvolvida. Eu sou muito privilegiado de conhecer isso. Uma sociedade

que o bem comum.. O que é de todos, aí a gente olha... Então isso aí não é de ninguém. Aí trata... Enfia a mão, trata mal, desvia recurso público, não é de ninguém. Isso é terrível, sabe Lucas, perdão de entender um pouquinho nisso. Mas isso norteia, de certa maneira, eu sou muito grato por isso, norteia toda uma decisão de vida. A filosofia de vida mesmo é isso. Eu espero que a sua geração, contribua bastante para essa mudança de mentalidade. Mas é quase desesperador, eu só não acho desesperador, porque eu tenho minhas crenças. Acho que é tudo uma aprendizagem, somos todos alunos e todos professores, numa aprendizagem. Então como uma grande escola, não vai parar de cair novas disciplinas. Em outras palavras, as dificuldades sempre vão existir, as atrocidades, muito triste falar dessa forma. As atrocidades, os desvios, as injustiças. Porque é para a gente continuar cursando mais matérias. Porque se de repente fica tudo um paraíso, você para de aprender. E aí o poço pode terminar.

Desculpa aí!

24:18

P/1 – Como era a sua infância em Belo Horizonte, como era com os seus irmãos? Como era o seu dia a dia quando você era criança?

R – Como eu te falei, a minha infância, eu tenho as melhores lembranças. Justamente aquilo que eu te falei. Eu subia em árvores, aí caía da árvore, machucava. Minha infância meu joelho vivia ralado, eu vivia me machucando, isso é um indicativo de qualidade, não se assuste. Eu me lembro, que final de semana, minha mãe botava a meninada, que não era nem tão grande assim... Mas as vezes iam amigos nossos. Boa parte da minha infância, foi eu e minha irmã, meu irmão mais novo, chegou a gente também não era tão mais velho assim, que ele chegou eu tinha 5 anos de idade, não faz tanta diferença não. Mas final de semana minha levava a gente num clube que tinha lá perto de Belo Horizonte, chamava Charlie. Aí me lembro, passava o dia nadando, ficava vermelho de Sol. Adorava aqueles finais de semana, comia pastel, tomava mineirinha, vários pães, refrigerantes da época. Mas é como eu te relato, tinha uns amigos de rua, e muita liberdade, porque não existia tanta violência urbana. As crianças eram criadas soltas, minha infância é década de 60. Década de 60, se olhar historicamente, o Brasil me impressionava... Minha infância, já que você perguntou... A comida, nossa, como a gente comia bem, desde o pão de manteiga de manhã, aí tinha um almoço rapaz, arroz, feijão, carne, salada, aquele básico brasileiro, a gente conhece. Mas como se não fosse suficiente, tinha jantar. E o jantar era tudo que tinha no almoço, mas ainda tinha uma sopa antes. Aí eu não entendo como eu era capaz de comer tanto. Que eu acho que a gente vai modernizando e vai simplificando algumas coisas. Até por necessidade talvez. A gente não tem mais tempo para almoçar e jantar, antes tinha. Felizmente eu era moleque, corria, vivia... Jogava bola, na adolescência fiz artes marciais de todo jeito, judô, karatê, capoeira depois e natação. Porque eu falo isso, da vazão para poder almoçar e jantar, se não ninguém aguenta. Isso é um hábito que vem do Brasil-colônia, acredito que as pessoas pegavam na inçada, até justificava comer desse jeito. Perdão me perder nisso, mas tem receitas, a feijoada aqui. A minha mãe, olha que curioso, ela tinha uma babá, chamada Helena. E agora que ela está velhinha, ela teve uma cuidadora durante muito tempo, foi durante tanto tempo essa cuidadora, que a cuidadora em si, ficou velhinha também, teve que aposentar. Nome da senhora, Helena. E um negócio curioso, voltou assim rapaz. Quando ela era criancinha e depois que ela ficou criancinha de novo. Porque com a senilidade a pessoa vai ficando criança de novo. Apareceu outra Helena na vida dela é muito curioso. Falando assim, vem muito claramente essa estrutura nossa social, como ela é estabelecida. E nós hoje temos muita dificuldade de nos liberar dessa estrutura de empregada doméstica. Primeiro mundo não tem essa moleza não. E aí com os prós e contras de toda situação. Mas voltando, eu me lembro... Minha vida sempre teve duas, três empregadas, eu falo isso hoje eu fico até... Eu tenho um filho também.. Que hoje eu falar, também tenho duas, não mudou! Estou aqui, o porco falando do toicinho. Mas voltando a minha infância, ela foi extremamente feliz, fico quase com vergonha, no mundo que a gente vive. Mas graças a Deus eu também tive fundamentos. O jardim de infância, imagina isso cara, eu fiz num colégio de freira. Colégio Assunção, freira. Aí eu saí do colégio de freira, que acho que tinha, “melhor tirar o rapaz, antes que ele... Vamos botar num colégio de padre”. Aí botaram no Colégio Loyola, no primário aí eu fiquei até o final do ginásio, no Colégio Loyola. E quando eu entrei, era só de menino. Aí eu tenho uma experiência muito interessante, eu acho isso fantástico. Vai de acordo com as minhas convicções. Tinha briga todo final de aula, tinha briga, “espera lá fora”, briga no recreio. Na verdade minha juventude, Belo Horizonte, como é que eu vou falar, tinha muita porrada, cara, tinha briga, muita briga. Eu perdi vários amigos, por tiro, por acidente de carro, aí já é outra história. Mas a gente brigava muito. Eu como era menorzinho, eu fiz amizade... Eu gosto das pessoas e tinha facilidade por um lado de fazer amizade. Sempre tive amizade com os mais velhos, aí eles me protegiam. Tinha o Mingão, Domingos, que ele era faixa verde em karatê, deve ter virado faixa preta, aí isso me ajudava. Porque o pessoal gostava de uma briga. Mas concluindo aqui contigo. Mas muito futebol era maravilhoso. Aí o colégio ficou misto, colégio Loyola recebeu meninas. Olha que maravilha do ponto de vista da sociobiologia, as brigas quase que acabaram, acabou. Acho que estava faltando mulher, para sossegar a garotada. É um negócio maluco, rapaz, interessante isso. Mas se você achar assim, ah foi tudo uma maravilha desde o começo, as meninas chegaram. Não, como você imagina, elas chegaram numa fase que a gente estava pré-adolescente, adolescente. Aí tem uma timidez grande também, a vencer. Mas sempre fui muito feliz em conviver com as mulheres. Eu digo para minha esposa que eu sou o maior feminista do Brasil. Porque eu ganho ponto, sabe!

32:45

P/1 – André, nessa época vocês assistiam muita TV, ouviam muito rádio, LPs?

R – Nossa, TV e rádio. Eu tinha um amigo italiano, Giuseppe Milani, falecido, Bepe. E o pai dele levava a gente para o Mineirão para ver o Cruzeiro. Porque eu te falo isso, porque quando eu não ia no campo, eu ficava escutando radinho de pilha cara. Eu me lembro no quintal, escutava radinho de pilha. E a imaginação, ela não tem limite. Eu acho que uma coisa que a gente tem que se cuidar na modernidade, e não se bitolar. Ter essa capacidade de continuar estimulando a imaginação, leitura, ler livro e poderosíssimo. Espero que isso não caia em desuso, ler, ler livro em papel. Que tem outra relação, inclusive magnética, tela às vezes cansa, e diferente, não sei definir para você. Mas o radinho de pilha é como se eu tivesse no campo, impressionante como aquilo... E televisão, a televisão surgiu um pouco antes... Eu lembro na minha infância ter TV, preto e branca, acho que tinha 2 canais, TV Tupi e TV Alterosa, Minas Gerais. Dois canais preto e branco, adorava desenho animado, nossa. Eu adorava TV e veja, era uma coisa equilibrada, naturalmente equilibrada, que a gente podia ir para rua, brincava solto, sumia, voltava de tardinha. Aí via TV. A TV não era assim uma maneira de dar vazão ao tempo da criança, entretenimento forçado, porque não tem outra opção. Mas te respondendo, tinha programa, você deve ter ouvido falar do Vigilante Rodoviário, do Rei Tim Tim, Batman, era cada seriado que a gente assistia. Eu ia falar Guerra nas Estrelas, mas era Perdidos no Espaço, você precisa ver Perdidos no Espaço. Tudo isso deu origem depois a Guerra nas Estrelas, Tarzan. E cinema, o cinema, a matinê. Porque a TV era preto e branco, quando você ia ver um Tom e Jerry colorido no telão. Lucas, você não faz ideia de como a gente ficava extasiado. Tudo tem função, como era preto e branco, tela pequenininha, aquelas TVs meio arredondadas de válvula, não demorava nem 10 minutos para ligar. Quando ia para o cinema cara, então era um mundo mágico, vou exagerar, falando a verdade. Infância um mundo mágico, nossa vida era mágica, era cheia de alegorias. Acreditei em papai Noel durante muito tempo, inclusive fui o último da Classe... Fiquei revoltado o dia que a professora contou que Papai Noel não existia. Aí eu fiquei revoltado com aquilo, “isso é um complô”. Cheguei em casa, “mãe, você não acredita o que falaram na escola, Papai Noel não existe”. Ela olhou para mim, e falou

assim pois é meu filho, cada um acredita no que quer”. Aí caiu a ficha. Eu tive esse imenso privilégio de ter pais cultos. Minha mãe nem era tão culta, quanto meu pai na época, mas depois ela fez vestibular e ainda virou professora universitária da USP, ao longo da vida dela. Também publicou livro. Mas esse privilégio, que eu gostaria que quem teve esse privilégio que eu tive, tivesse essa noção do privilégio, ao invés de se achar melhor do que os outros. Eu acho que eu devia fazer análise, que eu estou me emocionando muito aqui contigo, acho que é porque eu preciso fazer análise. Precisando falar, eu acho que é o fundo da pandemia, a gente tem conversado pouco com as pessoas, acho que tem esse efeito. Mas é isso Lucas, eu fico falando contigo, eu fico verificando aqui. Rapaz, que privilégio é esse, eu tenho que agradecer pelo resto da minha existência. E fazer por merecer, eu acho que é isso. E a propósito eu faço um retrospecto da minha vida aqui, aproveitando essa oportunidade que vocês estão dando. Felizmente eu estou aproveitando, estou retribuindo, modesta a parte acredito que esteja retribuindo. A prova disso é a minha própria vida profissional, que eu sempre fui muito empenhado. E voltando lá atrás, porque com essa conversa toda contigo. Meus irmãos, acho que até recentemente eles achavam que a gente era rico. E aí eu acho que eles não se empenharam muito não. Em desenvolver a sua vida profissional, seu ganha pão, essas coisas. Porque eu fiz a graduação na casa da minha mãe, mas eu logo cedo, eu trabalhava de manhã, estudava à tarde ou estudava de manhã, trabalhava à tarde. Eu estou falando de estágio, eu logo, estava no meio do curso já peguei estágio no Centro Tecnológico de Minas Gerais. Que ficava longe, estudava na Pampulha, o Centro Tecnológico de Minas Gerais era no Horto, quem conhece Belo Horizonte, sabe essas diferenças de distância. E andando muito de ônibus, depois como um bom filho de classe média, eu ganhei um carrinho. Mas de qualquer maneira, eu acho que não diminuí aí o empenho. Podia também ficar dormindo depois do almoço, continuar vendo televisão e falar: fazer estágio para que, já estou fazendo universidade, estou fazendo demais. Daí porque eu conto isso tudo. Eu terminei a graduação com um currículo suficiente para entrar em uma excelente pós-graduação, no caso, foi a Federal de São Carlos. Eu sai da casa da minha mãe, com 23 anos e nunca mais voltei, eu digo isso, porque meu irmão chegou a sair, não seguro e voltou. A minha irmã nunca saiu de Belo Horizonte, não que isso seja um demérito. Mas ela trabalha com Arte, ela é maetrina e teve oportunidades de ir para fora, vou parar por aqui, porque já entra um julgamento. Eu também não quero, “a está vendo como eu sou o melhor, eu sei”. Mas eu sempre tive esse desejo de expansão, vamos dizer assim, de autonomia, ou seja, eu acho isso muito positivo. Que dizer, todo amor que eu tive em casa, ao invés... E eu acho que amor funciona assim mesmo, eu tive tanto amor, que eu quis crescer e sair para o mundo. Eu podia entender, amor era tão bom que eu não quis nunca mais sair do lar. Não funciona assim! Na verdade, também sem querer entrar em julgamento, é o oposto. Eu observo que talvez as pessoas que não conseguem se desligar dos pais, no sentido de continuar vivendo com eles. Tudo tem pros e contra, os pais devem gostar. E para compensar, talvez um amor que eles acham que ainda não foi suficiente, não tiveram o suficiente na infância, na juventude, ai quer ficar grudado com o pai, com a mãe para o resto da vida. Quando você recebe bem, tem aquela relação, você cresce e vai embora, igual aos animais. Mas é isso Lucas, e só agradecimento minha infância e adolescência igualmente, foi muito dinâmica muito intensa. E aí eu fui para São Carlos, estudei na Federal de São Carlos, o mestrado. Aí minha vida foi só somando, experiências cada vez mais fabulosas, nos termos de alcance e extensão. Eu fiz um mestrado em São Carlos, vivia primeiro morando com um colega. Colega que fizemos um curso juntos, Biologia Marinha, mas era de Belo Horizonte, eu não vou entrar em detalhes. Num determinado dia eu olhei o varal, as roupas secando... Tem alguma coisa estranha aqui, não, eu vou morar com a minha namorada. Ela tinha ficado em Belo Horizonte. Aí falei: vem morar comigo! Eu gosto muito do Rodrigo, mas eu prefiro morar com você. Aí ela falou assim: meu pai falou que só pode ir se eu casar. “Vamos casar, então!” Aí ela foi morar comigo lá em São Carlos. Essa experiência de morar fora da casa da mãe, isso é muito intenso, muito bom. E a partir daí só grandes investimentos, vou dizer assim, até voltar aqui para o Rio de Janeiro.

43:17

P/1 – O que vocês ouviram na época da sua infância, da adolescência?

R – Música!

44:10

P/1 – Mas que tipo de música, o que vocês gostavam de ouvir?

R – Isso é fácil pra mim responder, porque eu sempre adorei música. Olha na infância, 4, 5, 6 anos de idade. A gente tinha... Voltando esse universo cultural muito rico. Tinha uns disquinhos de historinha, Branca de Neve, esse é o mais forte, que tinha, posso até cantar para você, mas espero que você diga não é necessário. As músicas até hoje eu sei de cor. As músicas dos anãozinhos cantando, voltando para casa. Ainda tinha um recurso, o selo central do disquinho, você botava assim, com se fosse um carrossel de espelhos, e você via um filminho ainda. Era umas coisas muito bacanas. Então tinha disco de historinha, Pedro Lobo, Os Três Porquinhos, tinham vários discos de historinhas, eram musicados. Então a primeira infância era musicadas. E eu vivi fortemente, como é que a gente chama isso, esqueci o nome agora, tipo... Atirei o pau no gato... São canções... Tinham todas canções folclóricas, vou chamar assim, que nem marchinha de carnaval. As marchinhas de carnaval antigas, que com a evolução da sociedade, vários motivos, até se tornaram politicamente incorretas. E na nossa época a gente se fantasia de índio ninguém achava politicamente incorreto, essas coisas. Então as músicas da infância, era marchinha de carnaval, canções de roda, eu acho que assim, os meninos brincavam de roda. Brincadeiras que eu acho que até preservaram, foram até preservadas até a atualidade. Aí desde muito cedo, eu comecei a gostar de rock, eu tinha talvez, oito anos de idade. E meu pai, ele viajava muito a trabalho. Aí ele trazia... Beatles eu aprendi, porque o Brasil importava disco dos Beatles, o mundo inteiro. Eu acompanhei Beatles inteiro. Aí meu pai foi numa viagem e me trouxe o disco dos Rolling Stones. Aí descambou, Rolling Stones. Porque volto nisso, o rock dos anos 70, final de 60, 70, não tem, não tem, não tem, 80 também maravilhoso. Eu não sei a década que eu vou chegar que você já vai saber tá Lucas, mas não quero desmerecer não. Mas realmente, musicalmente falando... Eu acho que você não devia ter tocar nesse assunto. Eu colecionava disco, a ponto de emprestar para as boates em Belo Horizonte a minha discoteca. E era disco vinil, então fazia fileiras de sei lá, 2 metros. 2,5m e meio enfileirado em instante. E eu gostava mais do rock, minha irmã gostava mais de música popular brasileira. Mas a gente teve uma convergência muito grande com a Tropicália. Eu nunca gostei de Roberto Carlos, minha mulher adora, minha sogra adora. Minha irmã eu não me lembro, acho que ela até escutava também. O rei que fez 80 anos ontem. Viva o rei! Mas eu comprei muito Gal Costa, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Mutantes e rock nacional. Música é uma parte fundamental da minha vida. Não sei se você perguntou para saber o papel da música na vida. Mas a gente... Esse amigo italiano, por exemplo, ele trazia várias novidades da Europa. Numa época que as coisas não eram tão rápidas, a comunicação. Aliás, música! Esqueci, desse detalhe, cara, meu pai é amante de música clássica. Só ouvia Mozart, gostava de muita coisa, mas principalmente Mozart. E aí passei a vida, desde a infância também, escutando opera, escutando música clássica. E livro de arte, adorava pintura, Renoir, tinha umas coisas muito boas, Van Gogh, tal. Mas música, meu pai era... Adorava música clássica. Eu me tornei erudito em rock, tinha um conhecimento na época que a gente até se achava, tem essa coisa do ego. Interessante, quando jovenzinho, adorava ser diferente. Agora depois de velho eu adoro o padrão. O padrão tem uma informação preciosíssima, o funcionamento do universo, atualmente eu gosto do padrão.

50:58

P/1 – Vocês ouviam Clube da Esquina também André, nessa época?

R – Nossa! Pó agora eu vou parar aqui, se não você vai falar, o cara tá viajando. Você sabe que a minha irmã, porque ela fazia música. Adorava Clube da Esquina. Eu juro pra você, teve uma feijoada lá em casa, cara, que a gente recebeu o Milton Nascimento e o Caetano Veloso, no mesmo dia. Mas a gente tinha amizade, eu tinha amizade com vários desses músicos, tenho até hoje, os que estão vivos. Mas conheço bem os músicos mineiros. Principalmente Clube da Esquina, Lô Borges, Beto Guedes, já viajei com os caras, essas coisas.

52:00

P/1 - E como era o carnaval de Belo Horizonte nessa época? Na sua infância, adolescência? Onde que era? Como é que era?

R – Cara, carnaval na minha infância maravilhoso. A gente ia para o Minas Tênis Clube, era aquele famoso carnaval de salão, com confete, serpentina, fantasia. Fantasiava, me lembro na infância aquele salão coloridíssimo, aquela música alta, adorava aquela confusão de confete e serpentina. Aí entrou adolescência, aí mudou, a gente não frequentava mais tanto os bailes de Carnaval. Aquela magia que tinha na infância do carnaval sumiu. E Belo Horizonte não é Rio de Janeiro, até tem se arriscado nos últimos anos aí, carnaval de rua em BH, falam que é muito bom. Mas com todo respeito, eu não recomendo não, carnaval é no Rio, Salvador, quem gosta de carnaval. Na minha adolescência então, o carnaval que a gente curtia era de cidade do interior. Diamantina, carnaval muito bom, Ouro Preto. Então o carnaval teve uma lacuna, que eu parei de... Eu não me lembro, realmente eu não me lembro, acho que aproveitava o carnaval para viajar para a praia, para alguma fazenda. Teve um momento na minha vida que o carnaval sumiu. Depois ele voltou quando eu já estava jovem, na fase dos vinte. Aí a gente curtia carnaval na cidade interior. E mesmo aqui no Rio de Janeiro, jovem vinha para cá, tinha umas amigas que me levava lá para o Sambódromo, essas coisas. É carnaval, brasileiro, apesar de que eu demorei muito para aprender a sambar, atualmente sambo bem, atualmente eu sambo. Quando eu era jovem eu sambava menos. Agora depois de velho, minha mulher me ensinou, não, não foi minha mulher não, cara. Professor de capoeira lá no Canadá que ensinou os passos uma vez, na turma lá, aí a gente aprendeu. Aí depois traz para o pessoal, para a teoria e funciona. Mas a gente viajava muito, cara, na infância, adolescência, tivemos sempre essa possibilidade. E o carnaval acompanhou essa facilidade de viajar.

54:58

P/1 - E quando foi que você pensou que queria ser biólogo? Tinha alguma coisa que você queria ser antes? Você tinha um sonho, como é que foi essa história André?

R - Ótima pergunta! Agora estou aliviado, estava morrendo de medo de você perguntar que curso que eu fiz. Em Furnas eu costumava brincar, quando perguntavam qual sua formação? Aí eu falava assim eu sou biólogo, ninguém é perfeito! As piadinhas, deve ter puxado do meu pai, umas piadinhas que só você acha graça. Mas olha só, eu sempre tive cachorro na infância, quintal, sempre fui vidrado, principalmente com bicho, com inseto. A gente fazia muito maldade quando era criança com inseto, fazia umas brincadeiras com mosca, com formiga, criança tem uma maldade própria, umas brincadeiras sem graça. Mas eu sempre... Perguntando, acho que eu sempre quis ser biólogo. Sempre quis ser biólogo, não veterinário, biólogo mesmo. Eu sempre gostei muito de natureza, observar, a copa das árvores na formação. A gente ia para o clube, criança, tinha aquelas árvores bonitas, cachoeira. Você criado em Minas, você conhece cachoeira, vive em cachoeira. Aí é muito difícil, você viver em cachoeira e não querer ser biólogo e mais, limnólogo. Limnólogo é especialista em águas continentais. Então eu nunca tive dúvida. Na época, já no final, na época era o científico. Eu não tive crise para saber que profissão que eu ia fazer. Te dizer assim, exatamente quando eu decidi ser biólogo, a minha sensação é que eu já nasci biólogo. Que eu já nasci biólogo, nunca pensei em fazer outra coisa. E graças a Deus, nosso pai, nunca forçou nada, tem que ser médico, biólogo não, médico, tem que ser engenheiro, sempre deixou a gente escolher. Foram dois momentos interessantes, biologia eu nunca tive dúvida, entrei na Federal de Minas Gerais, entrei, passei muito bem no vestibular, primeiros lugares. Na época a gente até tinha, ia para casinha no campo, no mato, com cachoeira. Lembro que a minha mãe foi até lá na casa dar a notícia, levou frango assado. Foi uma festa quando passei no vestibular. Bom, e aí durante o curso, aí sim, eu olhei para biologia e falei assim: não, eu quero ecologia. Não sei se você sabe o que é, porque atualmente é só do movimento sustentável que se fala. Ecologia é um termo quase em desuso, ninguém mais sabe o que é. Mas ciências naturais, porque a biologia é muito vasta, o escolto assim. Mas nunca quis trabalhar com laboratório de análises clínicas, esse tipo de área. E aí lá para frente olhei, e falei assim eu quero fazer biologia marinha. Sempre gostei do mar. Aí quando olhei, estava difícil fazer biologia marinha. Já cursando biologia de especialização. Porque daqui, no que eu vou atuar profissionalmente. Aí eu falei: não, eu acho que água doce é mais negócio, tem mais chances de eu ter emprego. Porque biologia marinha, você trabalha na Petrobras, ou então... Bom, também não quero entrar nisso não, porque eu posso estar sendo indevido aqui, na minha área muito simplória, muito superficial. É uma coisa que eu faço questão de frisar, eu digo inclusive para os meus sobrinhos, para filho. Você tem que fazer o que você gosta, para fazer bem, não importa a profissão, importa você escolher o que você gosta, para fazer bem. Não existe isso... Biologia Marinha, ser escolhido, você vai achar um laboratório, um título de pesquisa. Se você gosta mesmo daquilo, pode ir que você vai se realizar. Eu tenho convicção nisso. Bom, mas para mim estava difícil, minha família morava em Belo Horizonte, estava complicado. Eu falei: não vou trabalhar com água doce, que água doce todo mundo precisa, não vai faltar oportunidade de crescimento profissional. Aí fui para São Carlos, para o mestrado de Ecologia e Recursos Naturais, mas com forte ênfase em ecologia aquática. E aí me direcionei para Ecologia Aquática. E aí surgiu oportunidade, no final do meu mestrado, surgiu oportunidade de entrar para Furnas. E aí foi a fome com a vontade de comer, vou falar dessa maneira. Que aí eu me especializei mesmo em Limnologia. Estava me especializado, mestrado Ecologia e Recursos Naturais e Limnologia, estudo de águas continentais. E Furnas, estava precisando justamente de um biólogo na estação de hidro biologia piscicultura de Furnas. Eternamente grato pela experiência, eu comecei em Furnas trabalhando na área operacional. Sem querer avançar de mais aí Lucas, me corta, por favor, se eu estiver entrando em outro tópico aí das etapas da entrevista.

1:01:27

P/1 – Qual que era a visão que você tinha de Furnas na época que você entrou?

R – Eu entrei em 1987, no final dos anos 80. Sabe o que eu sabia de Furnas? Porque eu morando em São Carlos, às vezes calhava de eu ir para Belo Horizonte de carro. Aí você passa ali por Ribeirão Preto, numa estrada que você passa ali beirando o Rio Grande. Aí chegava ver a barragem, o reservatório de Furnas da estrada. E aí eu sabia, vamos falar assim, da pujança. Furnas é uma empresa maravilhosa, na sua atuação, na sua atuação, na sua dimensão. Então eu tive a noção. Quando surgiu a oportunidade eu percebi, porque paralelamente, eu não me lembro mais, porque para mim não é o caso de ficar citando, porque eu escolhi Furnas, independente disso ou daquilo. Mas eu lembro que surgiram outras oportunidades, na época o mercado não era ainda tão difícil quanto é hoje. Eu tinha terminado bem o mestrado. Entre ir para um Instituto de Pesquisa, ficar numa Universidade, e ir para Furnas, eu não tive dúvidas. Falei: não, Furnas eu vou poder me realizar mais. Você estava me perguntando da biologia... Então, durante o meu curso de biologia, eu fiz uma monografia ainda na graduação, voltando aquela história... Agora

que eu estou me lembrando da questão da água doce. Quando eu fui estagiar, eu fui estagiar no Centro Tecnológico de Minas Gerais e eu não me lembro exatamente se o núcleo... O núcleo que eu estagiei, mas era com biólogas trabalhando com água. Inclusive eu percorri o norte de Minas, o Jequitinhonha, ajudando a construir a carta planorbídica da região. Você sabe o que é isso? Eu mapeei focos de esquistossomose, na minha formação. Então trabalho de campo, botar galocha, aqueles EPIs de proteção individual. Fazer coleta na lama, na água, passar o dia no campo, no mato, fazendo coleta, já era tudo direcionado para limnologia. E aí eu também fiz o estágio lá na codevasf, lá no Rio São Francisco, estação de hidro biologia e piscicultura lá no São Francisco. Não era nem da xesf, era Comissão de desenvolvimento do Vale do São Francisco, CODEVASF. Kosasp era um japonês, foi muito rico aquele tempo lá. Rapaz, cada peixe que a gente comia, assado, dourado, sabe, nossa, era uma delícia tudo aquilo. Ou seja, tenho privilégio de ter escolhido algo que realmente eu gostava de fazer. E aí quando surgiu Furnas, já conhecia muita coisa, como é que funciona, coleta de estação de piscicultura, coleta no mato, foi fácil. Eu brinco que me deportaram lá para a Usina de Furnas, na época era diretoria técnica, que era no Rio de Janeiro. Eu entrei muito bem, na época que tinha até ganhado um prêmio Nacional de ficologia. Ficologia estuda as Algas. Infelizmente o prêmio foi instinto, se eu falasse para você, eu ganhei o prêmio jovem cientista, você falava: nossa essa cara é bom demais. Eu ganhei o prêmio Ailton Brandão Joly, você ia ficar olhando para minha cara, “o que é isso?” Ganhei o prêmio e passou talvez um ano, e o prêmio foi instinto. Coisa do meu pai, meu pai brincava de pessimizar, ele morria de rir de si próprio, muito saudosista de si mesmo. Mas ele tem uma história pessimização, vou mudar de assunto, melhor para mim. Mas é por aí cara, ganhei um prêmio, eu digo isso, que eu ganhei esse prêmio. Então estava com a bola cheia, quando entrei em Furnas, estava me sentindo capaz de dar conta. Ainda bem, porque foram vários desafios ali, morando na usina, na vila, foi muito interessante. Mas sem querer atravessar o samba aqui Lucas, o curso de biologia foi um grande acerto, porque realmente é uma coisa que eu gostava de fazer, modesta a parte eu fiz bem. Eu consegui com biólogo, consegui umas comunicações importantes, fui premiado também no Canadá. E aí eu poderia até ter seguido a área acadêmica. Mas tem algumas coisas, não sei se eu caso de entrar no mérito. Mas eu sou muito feliz pela minha opção de ter ficado em Furnas. Eu gosto muito do ambiente corporativo, mais impessoal, a conquista é da empresa, não é do nominho na porta. Me incomodava um pouco essa história de nominho na porta. Que o acadêmico ele é muito vaidoso, vou me atrever a generalizar, porque eu acho que é mais a regra do que a exceção, essa coisa do ego, o cara é o dono do conhecimento ali, determinado conhecimento. Eu acho perigoso, mas não gosto, eu gosto mais do ambiente corporativo, assina pela empresa, é o nome da empresa que está na frente, é isso aí.

1:08:56

P/1 - Você teve algum professor que te marcou durante esse período da graduação, na pós?

R – Vários, vários, mas o maior, talvez se Teresa Melutti, falecida Teresa Melutti. Ela dava aula de biologia marinha. Inclusive uma vez nos levou lá para o São Sebastião, o Instituto de Pesquisa, foi o ponto alto talvez de todo meu curso, foi essa semana que a gente passou lá no laboratório biologia marinha. Mas eu me recorde de outros, teve o meu próprio orientador, o falecido Geraldo Torres, que ele era Entomólogo, ele estudava insetos, aí fez uma monográfica de insetos aquáticos, gostava muito. Você sabe o que é chave dicotômica? Para você verificar uma determinada espécie, morfologia. Bom, mas principalmente a Teresa Melutti, Geraldo Torres, aí também me lembro de alguns professores do ginásio, que também marcaram muito. Do modo geral, eu acho que tive sorte com os professores que eu tive. No mestrado então, dá para lembrar de vários, algumas personalidades inclusive, nacionais, Professor José Galizia Tundisi, que depois foi o presidente do CNPQ, da academia. Pra você ter ideia esse professor Tundisi. Eu cheguei na sala do professor que era do meu comitê, do COMIRE, tinha um comitê de pesquisa, no Canadá tinha um comitê que acompanhava o seu doutorado. E aí na sala do finado Robert Peter, tinha um diploma, ele tinha recebido um diploma assinado pelo professor Tundisi. Ele já foi presidente da sociedade internacional de imunologia. Aí isso foi para mim muito forte, muito bom, porque eu fiz mestrado em São Carlos, eu chego na minha nova pós-graduação, lá em McGill e está lá um dos meus professores de São Carlos, assinando o diploma do atual professor que eu tinha lá. Isso da muita segurança, que você teve uma base sólida de conhecimento. E chato, não quero entrar nisso, mas o Brasil, cara, ele é fantástico, no seu potencial humano, sua ciência, ele se destaca em várias especialidades, na limnologia, por exemplo, teve uma posição destacada no mundo, e bola para frente que a vida não para. Mas o que eu te digo, extrapolando aqui, do meu conhecimento acadêmico, profissional, nós brasileiros temos muito a zelar e orgulhar, ficar feliz com nosso potencial. Tomara que a gente tenha essa oportunidade de continuar desenvolvendo nossos valores, e isso aí.

1:12:41

P/1 - Você entrou em Furnas André, como é que foi isso, foi para quê cargo, qual seria sua função lá?

R – Então, havia necessidade de um biólogo, na estação de hidrobiologia e piscicultura. Então foi para esse cargo que eu entrei, e novamente, foi uma oportunidade, primeiro porque o salário que eu entrei, salário inicial, eu não tinha como tá morando no Rio de aluguel, porque a minha família estava toda em Belo Horizonte. E aí morando no interior, era o sistema de Vila, que a empresa te concedia uma casa para você morar, outros tempos. Isso foi realmente super positivo. E na época... Então eu mudei com a minha esposa para lá, para Vila e não faltou trabalho. Eu tive inclusive o privilégio, tenho que te dizer, que eu me permitir... Quando eu entrei parra Furnas eu não tinha terminado ainda o mestrado. Aí eu acabei de escrever a tese, já empregado, me foi concedido esse privilégio de terminar a redação da tese, já empregado em Furnas, durou alguns meses. Aí depois que eu defendi o mestrado, continuei em Furnas, lá na Cidade de Passos, no Rio Grande. Foi uma experiência fantástica, requer juventude, tem que ser jovem para estar ali. E aí participei de muita campanha de campo, coleta de peixe, de água, pexamento, toda a experiência de nutrir as larvas de peixes, até eles crescerem a ponto de poderem ser soltas nos reservatórios. E toda dinâmica regional, local, a vida das prefeituras, os pleitos, à cultura local, feiras agropecuárias, isso aí foi o mundo eu vive no interior de Minas, que foi bastante rico. E aí foi uma forma que encontrei de... Aí chegou o momento que eu queria um pouco mais, porque ali se estabelece uma rotina né Lucas. Por mais que tem o projeto de pesquisar que você acompanha a desenvolver. Eu comecei a me interessar, explorar outras áreas aí, nossa biologia. Variação de impactos, implantação de empreendimentos, eu tive uma estratégia, tive desejo de continuar estudar mais um pouco, para melhorar minha capacitação. Aí pleiteei uma bolsa da CAPES, no exterior, a bolsa foi aprovada. Aí eu fui a Furnas e pedi minha liberação para o doutorado, com a bolsa de baixo do braço. E aí eu consegui o seguinte, permitiram fazer esse doutorado, foram quase 5 anos. Onde eu tinha meio salário e meia bolsa, foi um negócio, tanto para CAPS, quanto para Furnas. Se me permite dizer, para Furnas eu fico muito feliz, porque eu acho que eu retribuir à altura, esse privilégio, porque eu não sei, é muito gratificante você ter oportunidade de aplicar o que você estudou no doutorado, no trabalho, na vida profissional. Aí voltei já me envolvi em projetos pesquisa, que eu usei tudo o que eu aprendi lá e mais um pouco, isso até me deu um impulso grande na minha carreira. Porque voltei, aplicamos reservatório de Furnas, inclusive durante a trajetória lá, teve um professor que me convidou a mudar de área e trabalhar com ele oceanografia. Olha que coisa, como é a vida, lá atrás da minha vida, te contei, queria trabalhar em biologia marinha. Vou fazer doutorado em Limnologia, vem um professor de outro laboratório e tenta me aliciar para trabalhar com ele. Disse que ia ter um cruzeiro no Pacífico. Porque eu estava trabalhando com o aquarictoplancton, um negócio lá, que ele interessou e ele queria aplicar isso aí

numa viagem, num cruzeiro científico. E teria perspectiva também de explorar, de ir no Ártico, ia ser uma vida aventureira, ia mudar radicalmente, talvez não voltasse mais. O que é uma pena, acontece algumas pessoas saem do país, não volta. Mas felizmente eu fiquei na Limnologia. Porque eu estava com umas dificuldades, que não vem no caso no momento, com orientação, e ele falou: vem trabalhar comigo. Já pensou entrar em navio, trabalhar no alto mar. Mas ainda bem que eu te vi pé no chão, fui focado, fui trabalhar com Furnas, investi um estudo grande em vários Lagos no Canadá, estudei mais de 10 lagos, simultaneamente. Trabalhei bastante, foi bom que me deu o laço para chegar aqui e poder virar gerente, porque nossa área trabalha muito. Fui criando calo, trabalhava muito.

1:19:33

P/1 – Pra quem não conhece, não entende muito da empresa, como é que é o trabalho de um biólogo em Furnas? Quais as áreas que esse biólogo pode entrar? Onde que ele é requisitado André?

R – Olha, quando eu entrei... Biólogo ele tinha, era um momento de expansão no nosso parque, gerador, transmissor. E aí ele podia trabalhar, ou em linha de transmissão ou em hidrelétrica, ou subestação, mas num aspecto basicamente em avaliação de impactos ambientais e medidas mitigadoras e compensatórias. Basicamente então, o biólogo em Furnas, ele até então, ele estava restrito a trabalhar para mitigar e compensar os impactos ambientais. Identificar, mitigar e compensar. Muita coisa era contratada, estudos contratados, mas que ele acompanhava o contratado em campanhas de campo. Então, por exemplo, se ele é um biólogo que trabalhava com fauna, ele podia tanto trabalhar, fazendo levantamento de fauna, ao longo do trecho, onde a linha de transmissão seria implementada. Praticando o resgate dessa fauna, eventualmente. Esse resgate era mais intenso em casa de hidrelétrica, considerando área inundada, tem todo o um afugentamento e captura de fauna. Tem depois toda uma questão, quando forma... Falando dos reservatórios, quando forma a lamina d'água, você pode ser ictiólogo, trabalhar com peixe, você pode ser especialista em qualidade da água, no meu caso, limnologia, trabalhar com as características físico-químicas e biológicas do corpo da água. Em ambos os casos você pode também ser especialista em ave, ornitofauna, isso é mais forte em casa de linha de transmissão, que tem um impacto maior sobre fauna alada. Tem toda uma questão que em boa parte é próprio da angera florestal. A questão da flora, mas como biólogo, você pode também contribuir, levantamento taxonomia, acompanhar contratos de resgate de amorplasma, que são sementes, brotos, para viveiros de mudas. Tem uma questão, que eu me recordo aqui, seria principalmente esses focos de flora, de fauna, tanto aquática, quanto terrestre, pro biólogo, propriamente. Que tem outros profissionais da área ambiental, que tem interface com o biólogo, geólogo, como arqueólogo, mesmo sociólogo. A educação ambiental, ela perpassa também, educação ambiental é outra área, que o biólogo pode estar se especializando e se dedicando. Tem os programas de educação ambiental intensos na implantação do empreendimento. Então na época que eu entrei, tinha obra em 2 hidrelétricas, em 3 linhas, que eram trabalhos grandes, mas menos diversificados. Houve momentos na minha trajetória em Furnas, que a gente... É o caso hoje, para você ter ideia, hoje você vai ter 70 subestações, nos estamos falando aí de 60, mais de 20.000 km de linhas de transmissão. A quantidade de reservatórios que Furnas, só da empresa são uns 10 reservatórios, isso tudo simultaneamente, falando em atendimento condicionado licença. Então biólogo em Furnas ele participa de estudos. Uma fase de implantação de um empreendimento, estudo de viabilidade. Depois que esse empreendimento, ele é aprovado, e a fase de construção, que o biólogo está lá atendendo, condicionado ao processo de instalação. Depois que o empreendimento entre operação, não para nunca mais. Daí são as condicionantes do centro de operação, que são renovadas, por período de 3, 5, 10 anos. Tem o período de renovação. Mas resumindo para você o que significa isso. Hoje a gente deve ter em torno, quase 800 condicionantes em atendimentos, somando todas as licenças, 800. Então você olha para a equipe da superintendência da gestão ambiental... Se você perguntar quantas pessoas são? Vou te dizer, hoje deve estar em torno de 100 pessoas, somando inclusive as pessoas que estavam na área Regional. Parece muito né, mas na verdade, considerando a quantidade de contratos condicionantes. Então hoje você tem a gerência que trabalha no meio físico biótico e do socioeconômico cultural. E a própria gerência de licenciamento ambiental, transforma ambiental, vários órgãos ambientais, todas as licenças em curso. Realmente é muito complexo, você da conta de tudo isso. Mas a área que a minha gerência tem foco, hoje. Além de novos empreendimentos e a questão da sustentabilidade empresarial. Que isso talvez, uma década para cá, tem cada vez ficando mais forte, está se tornando talvez, até o foco principal. Claro que licenciamento é fundamental, porque sem licença os empreendimentos não operam. Não gera receita, então isso é o prioritário é claro. Mas o aspeto da governança e os relatórios da administração, de sustentabilidade hoje é crucial. Tá nos nossos planos diretor de negócios e gestão. Os indicadores desempenho ambiental, mudança de clima, é isso. Então voltando no biólogo. Um biólogo... Olhando para empresa hoje, ele pode, além daquelas áreas clássicas da pesquisa e conhecimento do biólogo de fauna, flora, aquática, terrestre, de avaliação de impactos, na avaliação de passivos ambientais, de contaminação, de poluição. Também ele tem uma vertente de desempenho ambiental. Indicadores de sustentabilidade têm suas nuances aí, isso tem uma arte também. Além da questão da gestão de risco. Gestão de Risco tem riscos hoje na matriz corporativa, que são específicos da área ambiental, termo relativo à gestão socioambiental de empreendimentos, e dentre os problemas ambientais, mas intenso hoje. Está a questão das mudanças climáticas, área também de conhecimento que o biólogo também pode estourar. Apesar, que essa área ambiental, de novo, é multidisciplinar. Então é outra vantagem para o biólogo em Furnas, e que é uma coisa que eu fiquei muito feliz também, achei muito gratificante nessa minha opção. Você convive e trabalha em várias iniciativas, em projetos, junto com engenheiro químico, engenheiro florestal, sociólogo, antropólogo, geógrafo. Mas essa multidisciplinaridade que a área ambiental traz, é muito profissional. Então o biólogo, inclusive... O biólogo para entrar em Furnas, ele tem primeiro que saber que ele tem que ter esse espírito eclético, de interagir com outras áreas do conhecimento e se aventurar a outras atividades. Vou dar um exemplo que foi determinante para minha carreira também. Eu era Limnólogo, então era especialista, voltando de um curso de doutorado de em Limnologia. E aí surgiu a saída de um colega, surgiu a demanda, o chefe me chamou na época, perguntou se eu podia coordenar o licenciamento das termelétricas. Eu falei: agradeço a confiança! E isso que eu vou fazer, entende. O biólogo em Furnas ele tem que ter esse olhar, mais empresarial mesmo, eu diria. De entender onde que ele está sendo chamado para atuar, do que a empresa precisa dele, e ter essa disposição de dar resposta. Caso contrário, é melhor ele optar pela carreira acadêmica. Se ele quiser ser um grande especialista. Se você deseja ser um grande especialista em alguma coisa, busque a área acadêmica. Se você quiser atuar no mercado de uma forma mais empresarial, com uma inteira mais voltada para desenvolvimento, movimento de empreendimentos, desenvolvimento do potencial energético, de geração e transmissão de energia elétrica, se você tem uma visão que você perceba a importância disso, um desenvolvimento sustentável, para o desenvolvimento do país, é bem vindo. Que Furnas é um excelente local para você se desenvolver profissionalmente.

1:31:08

P/1 - Agora me conta essa história das termelétricas. Como é que foi... Chegaram para você e falaram sobre isso? Como é que foi executar esse desafio? Como é que foi essa história?

R - Eu quando voltei do meu curso de doutorado, surgiu então algumas frentes, claramente relacionadas a o que eu estava fazendo lá fora. Como se abriram outras perspectivas. Lucas, eu fui convidado para fazer um curso de auditor ambiental, a empresa estava dando ênfase nisso na

ocasião, existia um grupo superior de qualidade e produtividade, ia trabalhar com sistema de gestão. E talvez com esse espírito de expandir sua área de atuação. Eu fiz um curso de auditor líder, e comecei a ser auditor líder, de subestações. E cheguei a participar, agora eu te confesso que eu não me lembro exatamente, se isso aconteceu antes de eu ser convidado, ou se foi depois. Mas Cheguei também a iniciar um processo de implantação de sistema de gestão ambiental em uma termelétrica, de Campos. Mas foi esse pé na auditoria ambiental, que eu fui convidado e fui (...) de algumas editorias de subestação. Então possivelmente minha gerência olhou para mim.. Muita coisa às vezes você faz, não sei exatamente se é intuição né Lucas. Mas talvez essa estratégia mesmo de profissional, de expandir os seus horizontes. O fato é que eu ter tido esse interesse, trabalhar mais, estudar mais e ficar mais horas empenhado no trabalho. Ao momento em que eu falei, “não, vou fazer também essa coisa de auditoria ambiental”. Ninguém me obrigou essas coisas. Oportunidades então, empresa teve uma época, o que ela oferecia de cursos, de oportunidades, realmente. Se você entrevistar mais alguém, pode ser mais novo que eu, certamente será mais novo que eu, que eu já estou fim de linha, já estou na terceira idade. Vai ser mais novo que eu, se for um rapaz, um cidadão, uma cidadã com mais de 40, cara. Indaga. Empresa... Nossa, tinha uma quantidade de recursos para fazer pesquisa. Bom, sem querer ir devagar demais. Possivelmente a minha gerência na época olhou pra mim, quando abriu esse espaço, essa lacuna no licenciamento das termas elétricas. E falou: o André é auditor líder. Ele conhece o pátio industrial, ele audita unidade operacional. Eu estou elucubrando, né rapaz. Aí me convidaram, eu aceitei. E aí foi muito... A auditoria me ajudou imensamente, a experiência da auditoria. Porque essa coisa de caixa separadora, de hidrólise e graxas. Tem várias ferramentas e equipamentos de proteção, para incidências ambientais, era um universo que eu já tinha uma familiaridade. E essa questão de sistema de gestão, ele te permite adquirir uma dinâmica, aprender uma dinâmica de lista de verificação, de saber. Você aprende muito bem. Apesar que a pós-graduação já te traz isso. Esse espírito de onde pesquisar, o que pesquisar. Uma coisa que se você me perguntar, o que um mestrado, um doutorado traz? Aquela percepção, o que interessa é você buscar a boa pergunta, o pulo do gato tá na pergunta. Você tem que fazer a pergunta boa. Porque a qualidade da resposta é proporcional à qualidade da pergunta. Uma questão que eu aprendi muito lá fora, é para que serve, para que serve isso aqui? Então com essa visão assim sistemática, ainda mais com o ciclo PDCA, não sei se você conhece o sistema de gestão. Mas tem aquele planejamento, aí você planeja, desenvolve, verifica e faz a análise crítica, no ciclo PDCA. No licenciamento na termelétrica, felizmente eu consegui, não deixei nenhuma usina, nenhuma usina ficou sem licença. Apesar que não é trivial, as licenças de operação tem umas condicionantes, que às vezes parece até que é maldade. O argumento para pedir determinadas coisas, que é bastante complicado, dinheiro ainda, os colegas que trabalham com essa área. Mas foi muito importante esse sucesso que eu tive com o licenciamento das termelétricas. Me antecipando um pouco, surgiu o momento de abrir a minha própria vaga, pra gerência. E aí você sabe como funciona, é engraçado, você já deve ter escutado isso Lucas, você que está aí entrevistado, você já deve ter escutado isso. Você precisa de alguma coisa que seja bem feita e urgentemente, por coincidência, a pessoa que você procurar, para fazer isso para você, se você for ver, ela é a mais ocupada. É natural, eu não sei como chamaria isso, não quero ser reductionista, é uma seleção natural. Mas é próprio aí da dinâmica de trabalho, tem aquelas pessoas mais dedicadas e empenhadas. Eu acho que é interesse mesmo, acho que isso passa por uma missão saudável e profissional. Eu quero crescer, eu quero entregar, eu quero fazer, eu quero destacar aqui a minha entrega, mas é isso. Estou falando isso Lucas, com toda humildade, eu sempre tive essa disposição, essa visão de trabalho, de entregar o meu melhor. E isso acontece. Você pode notar que felizmente isso detecta da mesma diretoria de engenharia. As pessoas dedicadas, elas tem um momento que ao surgir oportunidade, elas crescerem, inclusive salarialmente. A medida que assuma uma gerência, é isso tem esperança, eu estou acreditando. Porque você só tem a possibilidade de crescer, assumir gerência, também não é sustentável não. Que haja uma carreira em y. Você possa crescer em todos os aspectos também como pesquisador, como técnico. Mas eu não sei se eu desviei demais, quando você perguntou como é que foi a trajetória aí, com as licenças termas elétricas. A questão da auditoria ambiental, que essa sim foi voluntário. Abrir oportunidades para se inscrever e fazer o curso, eu quis. Apesar da carga horária, ia tomar muito tempo, ia dar muito trabalho, essas coisas. Eu quis fazer! Era quase como uma outra pós-graduação Lato Sensu. E aí me abriu essa questão do licenciamento das termelétricas. E depois surgiu o projeto preciso de desenvolvimento, que também ninguém te obriga a fazer, mas uma grande oportunidade, na época então, isso. Estou conversando aqui contigo, se você me perguntar quais foram os marcos da sua carreira? Seu crescimento profissional? Eu acho que eu começaria pela minha disposição em fazer curso de auditor ambiental. Que na época até teve um momento que eu estava sendo tão requerido, e surgiram oportunidades de eventos internacionais, que a minha chefe na época, falou assim: você tem muito mais horizonte profissional como Limnólogo de que como auditor ambiental. Devo isso a ela, entre outras coisas. Eu novamente tenho a eterna gratidão das pessoas que atravessaram minha vida profissional. Foi bastante importante.

1:41:31

P/1 – Como é que funciona o licenciamento para uma hidrelétrica, para uma termelétrica? O que o biólogo em Furnas vai ajudar para que isso aconteça, como é que? E se você puder dar um exemplo de vida que você teve que fazer esse trabalho, eu agradeço muito também André.
R – Bom, como é que funciona o licenciamento. É muito simples e cheio de complexidade. Porque que é simples? Nós temos uma legislação ambiental, muito sólida é até perfeita demais sabe, até perfeita demais. Então os documentos de referência, que norteiam a questão ambiental, até então no Brasil, é bastante robusta. Então você tem os documentos de referência, são fartos. Então existe inclusive, toda uma normatização, especificamente em relação ao licenciamento ambiental. No primeiro momento, dependendo da natureza do seu empreendimento, se você verifica que aquilo vai trazer, um impacto ambiental, considerável, vamos dizer assim. Como é que isso é analisado? Você manda as características do empreendimento, pro órgão ambiental. Então vai determinar se aquilo ali é suficiente, um relatório ambiental simplificado. Um relatório ambiental simplificado, você pode conseguir uma licença prévia. Bom, são três fases, tem a licença prévia, que atesta a viabilidade ambiental do empreendimento. Uma vez atestada essa viabilidade ambiental, pela licença prévia, você tem a licença de instalação. Naquele estudo que atesta a viabilidade ambiental, ali são delineados alguns programas, que são necessários para compensar, mitigar ou controlar os impactos. Você pega aqueles programas e você elabora, detalha eles. É que nem projeto básico e um projeto executivo. A licença de instalação, você faz o projeto básico, você detalha os programas. E aí o biólogo... Então paralelamente, a descrever para você as etapas em que o biólogo entra. Em Furnas o estudo de viabilidade, normalmente ele é contratado no mercado, normalmente. A estudos de viabilidade feito por uma equipe própria? Já! Se você me perguntar agora exatamente quais. Principalmente quando o empreendimento é muito grande, você tem esse contratado, essa consultoria contratada, onde os especialistas, diferentes especialidades, biólogos acompanham o desenrolar desse contrato, dessa execução e a elaboração deste estudo de viabilidade. Isso pode ser um relatório ambiental simplificado, como pode ser o famoso relatório de impacto ambiental, estudo de impacto ambiental, relatório de impacto ambiental. E aí o Biólogo de Furnas está acompanhado aquele contratado. E elaborar esses estudos tem campanha de Campo, que ele vai junto, atesta os produtos, ele avalia os produtos que o contratado entrega. Fechou esse estudo de impacto ambiental. Vamos falar do caso mais completo, que é o mais comum para Furnas. Você tem empreendimentos maiores, a vocação de Furnas, são grandes empreendimentos. Aí você tem aquele estudo de impacto ambiental, que vai para uma audiência pública, ele sendo aprovado, você

obtem licença prévia. Aí você tem um detalhamento, desses programas ambientais durante a licença instalação. Falando em prazos, fazer de uma maneira genérica, pra você conseguir uma licença prévia você levaria um ano. Para você conseguir uma licença de instalação você levaria seis meses. E aí você tendo a licença de instalação, aí você começa a implantar os programas ambientais. São diferentes naturezas. Tem plano de educação ambiental, tem programa de resgate fauna, recuperação de área degradada, têm várias. E aí o tempo desses programas, normalmente eles se dão ao longo da construção. Então dependendo do tempo de construção, se for uma grande hidrelétrica, você tem aí essa licença de instalação, ela pode ser... Não, desculpa! Pra entrar ali em ordem... Até o empreendimento entrar em operação, você pode ter 2, 3 anos de acompanhamento, de implantação de programas ambientais. Então uma experiência que eu tenho, é justamente uma grande hidrelétrica, que foi Santo Antônio, em Rondônia. Eu participei como gerente, dessa elaboração de estudo de impacto ambiental. Audiência pública, depois elaboração do PDA, e implantação dos programas. E aí não sei, poderia te dizer, que é uma é uma experiência muito completa, que concerne as diferentes fases. Porque tem momentos que você, inclusive se reúne, participa de reuniões com a população, com as partes interessadas. Com ribeirinhas, indígenas e isso. Trazendo aqui para o Sudeste não deixa de ser menos rico. Eu também participei de audiência pública de termelétrica, da ampliação de Santa Cruz. Tem outro público alvo, aí você tem contato com cooperativa de juntador de coco, de extração de areia. De qualquer modo, o processo de licenciamento ambiental. Quando você está nessa linha de frente de elaborar estudos e implantar programa. É riquíssimo isso, não só do ponto de vista científico, do conhecimento que se adquire. Mas até do plano de vista humano, sociológico. Eu sou obrigado a interagir com a sociedade, suas diferentes representações.

1:49:15

P/1 – Nesses contatos com esses grupos, teve alguma coisa que te marcou? Algum acontecimento que você tem com mais vividos?

R – Várias, várias, porque falando dos processos, tem uma parte do estudo de viabilidade, que é até uma fase anterior ao estudo de impacto ambiental. É uma fase de inventário. Mas sem querer ir devagar demais, eu tive em audiências públicas, o que mais me marcou talvez, foram audiências públicas que eu participei. E eventos que a gente foi convidado, já em âmbito de comitê de bacia hidrográfica. Falando na interação com a sociedade. Foi muito marcante a experiência com os índios, com os ribeirinhos, isso tanto lá em Roraima, desculpa Rondônia, como Jacaréacanga, que é no Pará. A visão que a sociedade tem de Furnas, às vezes ela é viciada né Lucas. Porque o poder público é muito insuficiente, e aí existe uma carência, as pessoas tentam preencher com empresas grandes, que elas são mais vulneráveis, vamos dizer assim, aos pleitos. Então a gente como trabalhando em área ambiental de Furnas, acredito também em outras áreas, que você tem que está respondendo pelos empreendimentos, público em geral. É muito frequente você ter que explicar, por exemplo, voltando na minha experiência, quando eu morava lá na usina de Furnas, na Vila. Não é raro você ter que se colocar para associações de moradores, prefeitos, e demais representantes da sociedade civil. Que Furnas não controla o nível do reservatório. São questões difíceis para a população entender. Que aquele reservatório baixou num nível que comprometeu a pousada turística dele. Mas que Furnas não teve culpa, que Furnas não foi responsável por aquilo. É uma conjuntura de uma questão de pluviosidade, de estação seca mais prolongada, chove pouco, e o Operador Nacional do Sistema te obriga a despachar, a gerar energia. Você não tem o que fazer. Então eu estou dando exemplo, você explicar numa assembleia que a empresa, ela não pode ser incriminada disso ou daquilo. Como, por exemplo, lançamento de esgoto no reservatório. Você tem uma mortalidade de peixe. Aí você tem que ir lá explicar, que aquele peixe morreu, porque alguém lançou esgoto cometendo um crime ambiental. Que aquele lançamento irregular de esgoto ele não poderia ter acontecido. E que a empresa tem que ter suas ferramentas de controle, mas que ela também não tem esse poder de polícia, de ir lá multar a pessoa, tomar providências. Não cabe a empresa fazer isso. Não sei se eu estou te respondendo. Mas as experiências mais marcantes. Foram aquelas em que você vê a expectativa da sociedade em relação a nossa empresa. E muitas vezes você está impotente para resolver. Porque aquilo... É chamado os usos múltiplos, uma questão complexa, que você tem que entender. Que o recurso hídrico é inestimável é a vida, fonte de vida e água. E aí a gente tem que administrar esses interesses múltiplos que existem. E ao mesmo tempo eu aproveito para te destacar Lucas, que não tem constrangimento nenhum no seguinte, felizmente até então na minha vida profissional, eu só participei de empreendimentos, excepcionais, na sua a relação custo-benefício. Uma coisa que até não sei se é sorte, não sei caracterizar isso exatamente, se é uma sorte. Mas os detratores do nosso empreendimento acabam discurso vazio. Vamos falar de audiência pública em relação, por exemplo, a Santo Antônio. Santo Antônio ao contrário de algumas hidrelétricas na Amazônia que eu não vou entrar no mérito, é uma área de inundação em relação a potência instalada. É quase um rio, é o famoso reservatório fio da água. Então o impacto é muito menor, em termos da inundação, do alargamento, do deslocamento de populações, de afetar os hábitos naturais. Mas aquele empreendimento benéfico, ele está evitando poluir o ar e poluir o solo, com queima de combustível fóssil. E se torna as hidrelétricas nossas, se tornam polo de desenvolvimento. Porque gera muito emprego, e tem certas situações que elas se permanecem. Como núcleo turístico, várias regiões, estimula a economia local e isso permanece mesma após a construção do empreendimento. Falando-se de energia elétrica, todo mundo precisa. A sociedade evoluiu nesse sentido, ficar dependendo de energia elétrica. É muito gratificante trabalhar em Furnas, na área ambiental de Furnas. Porque a legislação ambiental é rigorosa, a gente tem que fazer a coisa de uma maneira, que às vezes tem até que evitar o excesso. E culturalmente na casa, a gente como gerente, teve que administrar uma mudança cultural mesmo, que a gente não precisava ganhar o prêmio Nobel, para determinados treinamento e tal. A gente tinha que fazer o suficiente no prazo. Já bastante, honrando aqui o meu diploma de biólogo. Espero que não demore muito mais me aposentar, minha idade vai me levar a isso, inexoravelmente. Ainda bem que eu estou em paz com a ideia. Mas é isso, viu Lucas, é só agradecimento de na minha carreira ter optado por Furnas. Trabalhar na área ambiental de Furnas é extremamente gratificante. Você tem... Voltando no assunto, licença prévia, licença de instalação, licença de operação que são renovadas. Existe todo um cuidado, com os empreendimentos, no sentido dos impactos ambientais e compensá-los dá muita satisfação. Prova disso que a gente consegue pontuar bem nos relatórios de sustentabilidade. Aqueles relatórios que a gente responde, a gente respondi bem. Porque a empresa, seu mérito, a empresa como um todo, ela trabalha bem.

1:58:28

P/1 – Eu queria que você falasse para a gente como é que foi morar na vila de Furnas? Você fez amigos? Como era o clima? Como é que é essa vida dos funcionários de Furnas?

R - Eu vou te falar que na época eu precisava ter aquilo, eu acho que eu não cheguei a comentar. Que eu acho, pelo menos a Furnas que existiu até pouco tempo. O ideal seria a pessoa entrar, e ir direto para área operacional, para entender a cultura da operação, que é bastante pragmática. A empresa, ela ainda tem uma estrutura bastante vertical. No sentido de ser bastante hierárquica. Mas eu aprendi na operação, o sentido disso, se não fosse assim, os acidentes, as interrupções, elas aconteceriam de uma forma insuportável. Então em relação aos procedimentos operacionais, e a dinâmica, funcionamento, as rotinas. É muito importante vivenciar a operacional. Então eu entrei em Furnas, direto na área operacional, fizemos um acampamento, tem seus prós e contras, como tudo na vida. Você forma grandes amizades, é muito difícil colegas seu não se tornarem seus amigos, determinado momento, sei lá uma sexta-feira. Você acaba de trabalhar, e aí quando você vê você está em casa, chamou o seu colega,

está lá na sua casa bebendo com você, rindo junto. É uma extensão assim, como tudo tem os dois lados. É um ambiente excelente para você formar ótimas amizades e também há momentos que você se sente morando no trabalho. Então viver na vila, é uma vida extremamente salutar, o ar puro. A região que eu morei era muito bonita, cheia de cachoeiras, clubes para ser exercitar, nadar. Tinha uma vida muito saudável. Andava de bicicleta. Agora tem uma questão social que é delicada. Você viver numa cidade que você conhece todo mundo. Você já imaginou isso Lucas? Não há possibilidade de você entrar na padaria e não conhecer todo mundo que está ali dentro, por exemplo. Então e como tudo na vida. Tem pessoas que não conseguiriam viver fora desse ambiente, tão seguro, não é isso. Aqui eu estou seguro, conheço todo mundo, não vou correr risco. E tem pessoas, dependendo da índole, da forma da pessoa ver o mundo, e as expectativas, desejos, isso pode ser muito bom, ou isso pode ser ruim. Mas no meu caso, foi muito bom, porque eu tive... Quando eu mudei para lá, no primeiro momento, foi um hotel. Novamente, que comida maravilhosa que tinha naquele hotel. Eu não sei não se porque eu era jovem, meu apetite era maior, ou se a comida realmente era saborosíssima. Mas aí depois minha esposa, ela foi morar comigo lá, eu tinha direito a uma casa. E aí ela abriu uma escolinha de dança, dava aula de dança, isso faz muito tempo. Lembra que eu casei para morar com ela, eu preferia ver as roupas da minha mulher no varal, do que a do meu amigo. Então, foi muito bom esse tempo que eu estive casado com ela. Ela era professora de dança, fazia balé. Mas aí teve esse momento lá em Furnas nessa vivência, morando numa casinha, com quintal, com vista para o rio. E foi muito importante, que na época o supervisor da estação de hidro biologia piscicultura de Furnas. O Finado Dirceu Marzu Ribeiro, uma figuraça. Então se falar da minha trajetória em Furnas, eu tenho muita gratidão pelo Dirceu, ele era um personagem único. Uma pessoa realmente, impressionante, a sua forma de ser, de conduzir as coisas, ele parecia até o pirata do Rum Bacardi. Ele tinha um olho de vidro, uma perna de pau. Mas a disposição e a maneira do Dirceu atuar foi marcante na minha formação. E ele era uma pessoa que parecia brutalizada, eu falo isso pessoal lá, no casamento. Mas ele era uma pessoa com um coração e com um respeito humano fantástico. Isso é uma coisa que a gente aprende na área operacional. Você encontra pessoas, você pelo menos pode achar que são rudes, dependendo da sua cartilha de boas maneiras. Você pode achar que a pessoa fala muito alto, e estabonada, ou o jeito dela gesticular. Essa pessoa rude, aí quando você passa da capa. É uma pessoa de uma nobreza, valores humanos mobilíssimos, na verdade são nobres, atrás de uma capa de capiau. Isso que eu te trago muito forte, dessa experiência. Eu acho até que eu diria, que o principal dessa vida na Vila, no interior. Cidade do interior, eu acho que a gente tem que aprofundar um pouquinho além, nessa avaliação. Como era a vida social, as pessoas, existe uma simplicidade. Muita gente tem até um aspecto simplório. Que raso, que falta de cultura, de conhecimento, de adição. Mas falando em valores. Eu acho que isso é um foco importante. Conheci pessoas com um respeito humano fantástico. E eu acho que o principal, da troca de experiência, é esse lado extremamente grandioso. Porque tem a mesquinharia. A vida é uma beleza. Votando a escola, o aprendizado, como todos alunos, como todos professores, aprendendo e ensinando. Se você acha que você não tem nada para ensinar, não tá bom. Se você acha que você sabe tudo, também não tá bom. Mas tem o esporte nacional que é a fôfoca né Lucas. Já ouviu falar, fôfoca? Fôfoca de cidade do interior, amigo. Então se você volta no foco. Você tem que ter essa postura de ir um pouco além, enxergar um pouco além. E aí você vai identificar muita riqueza, do entorno, da natureza, como uma simplicidade das pessoas que é maravilhosa.

2:08:15

P/1 – E você tem alguma figura que você conheceu na empresa, que todo mundo conhecia, que te marcou? Quem você poderia deixar registrado?

R – Eu acabe de te citar o nome, o Dirceu Mazum Ribeiro. Quem não é extremamente mais novo que eu, como seu caso, já conheceu o Dirceu. A minha amiga Ana Claudia Vespera. A Daniela, a Dani deve conhecer o Dirceu, apesar da sua juventude.

P/2 – Conheci! Conheci o Dirceu sim. E eu não lembro de uma cena dele. A gente levou uns textos para uma exposição em São Paulo, e ele falava assim não me mata os meus peixes, e o tempo inteiro ele falou isso. Ele era muito figura.

R – Figuraça! Eu não vou nem entrar no mérito. Obrigada Dani. Eu citei o Dirceu e a Dani vai compreender. Ele era folclórico. E foi o início da empresa, você entende essa conjuntura de fatores. Então eu reitero, que essa combinação no início da empresa, direto na área operacional. Apesar que eu já vim de uma cidade do interior, vamos dizer assim, São Carlos era uma cidade Universitária. Uma outra cultura, outra dinâmica. Aí eu caio no interiorão, numa Vila de usina. Próximo a cidade bem interiorano de Minas, é uma outra realidade. E o Dirceu como meu primeiro Chefê. Na verdade tinha dois chefes, um no Rio de Janeiro, que eu falava de vez em quando pelo telefone, que eu sempre fui lotado no órgão do Rio de Janeiro. E fui recebido pelo Dirceu Mazum Ribeiro, volto naquela discrição que eu te passei, e que a Dani pode reiterar. Você ver uma pessoa assim pelo seu gesticular, seu modo de falar, extremamente grosseira, extremamente grosseira, meio brutalizada, “nossa, mas que pessoa mal educada”. E aí e aí você conhece a pessoa, a família, e você fica encantado com a nobreza. Então essa experiência muito forte. Você me falar, nessa primeira fase, a pessoa de referência seria sem dúvida nenhuma o Dirceu Mazulu. Que eu tive o privilégio de ter o início da minha vida profissional, com ele, como meu anfitrião, vamos dizer assim. Como todas as pessoas, com as suas qualidades e seus defeitos. Mas que agradeço eternamente, por o tanto que enriqueceu a minha experiência de vida, aquilo foi uma escola.

2:11:47

P/1 – Mas o que ele falava para você, como que ele falava? Você pode descrever a figura dele para mim?

R – Olha, ele era um cara grande, um cara alto, ele era grande, ele não era gordo, ele era grande, um óculos de fundo de garrafa, meio calvo, não usava barba, um rosto quadrado, um óculos fundo de garrafa, estou tentando ver se tem um personagem do cinema que possa se assemelhar. Não sei se você tem idade Lucas, mas já ouviu falar do John Heine? Também não quero romantizar demais não. Mas era um cara grandão, ele tinha uma perna mecânica, que quando ele era criança, ele com 11 anos, com molecagem caiu embaixo do trem, cortou uma perna dele. Ele tinha uma perna mecânica, aí com o tempo ele ficou cego de um olho. Fumava desbragadamente. Era uma época que Furnas, que chefe departamento era o Papa. Diretor, diretor era um Semideus e o presidente da empresa então, se você tem oportunidade de ver próximo, era como se tivesse na frente da divindade suprema, na frente da Santíssima Trindade. Era uma época que assim, falando de hierarquia, que era muito forte. Chefe de departamento era uma coisa, que você estava na frente da pessoa. Isso na área regional, para você ter ideia, chefe de usina, era chefe de divisão, cara. Tem um chefe de usina que ele comandava, sei lá, 1.000 pessoas, ou próximo disso, exagerei um pouco tá, mas vamos lá. Um chefe de 300 pessoas, era o chefe de divisão, 300 funcionários. Chefe de departamento, era chefe de divisão, às vezes tinha cinco usinas sobre a responsabilidade dele. E aí o chefe de departamento era o Armando Consenza, ele morava lá, ele ficava lá em Furnas. Rapaz, a gente foi para uma reunião lá na sala do Armando Consenza, aquela reverência. Ainda bem que eu tinha noção do perigo. Eu já nasci forçando, já respeitando os trâmites. Aí fomos lá para a sala do Armando Consenza, e aí muito claro, para quem tem um mínimo de percepção, não tinha cinzeiro na sala, para bom entendedor, você vai ficar com o cara uma 2 horas ali, se você for fumante, segura a onda né. Não tem cinzeiro, o cara não fuma, não era essa época que chegou acontecer um pouco depois. Ainda era uma época, que havia chefe, que ele podia se ele quisesse fumar dentro da sala dele, depois foi banido. Que era o caso do Dirceu, fumante, ele tinha cinzeiro, fumava na casa dele. Mas se você chega, era uma sala do tamanho de um campo de tênis. Era uma época interessante, as salas eram imensas, aquela coisa. Mas aí naquele mesão, não tinha um único cinzeiro, nem

de mesa, de sofá, não tinha cinzeiro, o cara não fumava. Serviram café, estou te dizendo que era o Dirceu, era o chefe dele. Ele era chefe formol, ele era supervisor, estação de hidro biologia e piscicultura de Furnas não tinha status de ordem, não era uma divisão, ele era supervisora da piscicultura. Ele pegou, tirou o cigarro, acendeu, usou a xícara de cinzeiro. Aquilo me impressionou. Dando um exemplo rápido, que tem umas coisas que eu não sei, acho que mesmo se a Daniela não tivesse conosco, não ia ter coragem de contar. Porque ele tinha umas coisas que ele falava. Mas ele era assim, ele falava o que pensava, ele não tinha... Eu também não sou muito diferente não, no aspecto... É impossível você atravessar Furnas, ser gerente, ser chefe em Furnas, sem ter desafetos. Eu tive até um superintendente, que eu fui assistente dele, que ele falava assim chefe que todo mundo gosta, não presta. Olha isso! Não presta, eu carreguei! “Chefe que todo mundo gosta, não é bom” Acho que isso não se restringe a Furnas, e no meio produtivo, empresas. Não consegue agradar todo mundo o tempo todo, se você não vê a importância de ser firme, algumas posições, algum momento vai desagradar alguém. Não tem jeito, algum momento você vai desagradar alguém. Porque eu estou te falando isso. O Dirceu ele colecionava, ele tinha inimigos, como tinha muitos amigos, figura polemica.

2:17:50

P/1 – Como é que a empresa foi desenvolvendo essa questão de aliar ocupação ambiental com a necessidade de se criar novos empreendimentos? Continuar fazendo novas obras que fornecesse energia? Uma pergunta muito geral, se você quiser dar algum exemplo.

R – Eu dou, acho que é bom. Eu quando entrei, a área ambiental da empresa, ela se resume a estação de hidro biologia e piscicultura de Furnas, que se reportava a diretoria operacional. E na então diretoria técnica, essa diretoria técnica, teve um momento que ela foi dividida, em diretoria de construção e de planejamento e de engenharia. Diretoria de Engenharia e Diretoria de Construção. E atualmente ela é diretora de engenharia. Mas essa diretoria técnica, eu digo isso, porque era uma diretoria muito poderosa a diretoria técnica, em termos de orçamento. Como é hoje a diretoria de Engenharia. Mas então, dentro da diretoria técnica, tinha uma assessoria (...) que era AMA. AMA.T. Então quando eu entrei em Furnas era uma assessoria, com isso Lucas, o que eu estou te falando rapaz. A área ambiental da empresa. Essa assessoria, ela não devia ter 10 pessoas. Então o que acontece, as usinas antigas, os empreendimentos antigos da empresa, eles foram construídos numa época em que não existia o licenciamento ambiental. A legislação ambiental brasileira tinha algumas clausulas, alguns aspectos na própria constituição brasileira. Como Código Florestal, mas era muito incipiente a questão ambiental. Então falando abertamente, com a criação do Conselho Nacional do Meio Ambiente – CONAMA. Acho que foi em 1986, que ele implantou então o licenciamento Ambiental no Brasil. Isso para o biólogo, como eu, que tinha esse interesse no estudo de impacto ambiental, de fazer esse tipo de análise de impacto, de controle de poluição e etc. Foi, abrindo o jogo, foi um presente. Porque o mercado de trabalho... Na medida em que se exigiu, para se construir um empreendimento, no caso de geração e transmissão, seria necessário seguir o trâmite dessa história de licença prévia, licença de instalação e licença de operação. Com todos os estudos e programas desenvolvidos, isso não só deu um impulso na ciência brasileira. Falo isso sem qualquer constrangimento, isso foi um impulso para a ciência e para empregabilidade do biólogo. Então entrei em Furnas quase paralelamente à criação do licenciamento ambiental. Então vou te responder pela estrutura dentro da empresa. Uma assessoria de meio ambiente, essa assessoria de meio ambiente, quando a empresa olhou e tinha Serra da Mesa, Corumbá. Depois assumiu o Manso, tinha duas, três grandes hidrelétricas em construção simultânea. Ela não teve dúvida, assessoria não, aí tem que ser um departamento. Aí foi criado o departamento de Meio Ambiente, já estava na casa. Esse departamento de meio ambiente, ele tinha suas divisões, sócio cultural, benefício biótico e uma que eu te confesso o nome dela, rapaz! Uma terceira que ela cuidava muito dos empreendimentos em operação, as outras duas mais empreendimentos em implantação, simplificando. Esse departamento de Meio Ambiente, passou-se aí uns 10 anos. Ele virou departamento de engenharia ambiental. No momento que virou departamento de engenharia ambiental, houve uma separação. Na época em Furnas existia uma diretoria de relações institucionais, que abriu, não vou dizer abriu uma filial, é uma maneira jocosa. Mas ele criou uma superintendência de gestão ambiental. E aí a minha antiga chefe, foi chefe de divisão, depois se tornou chefe de departamento. Ela saiu da Diretoria de Engenharia e assumiu essa superintendência de gestão ambiental. Que fazia basicamente licenciamento ambiental. O licenciamento ambiental e engenharia ambiental, se separaram duas diretorias em um momento da empresa. Mas eu te revelo isso, com o intuito de dizer como a demanda aumentou, vertiginosamente, não sou o parque industrial de Furnas. Mas as exigências ambientais aumentaram também, os estudos ficaram mais complexos, os órgãos ambientais estaduais, alguns como a CETESB. Para você atender determinados licenciamentos, você tem que ser duro, se você não é você contrata. É de uma complexidade acadêmica. Então sem perder demais. Você pode ter um marco em 1986. Coincidentemente eu entrei na empresa em 1987. Que foi o momento do aumento exponencial da demanda de estudos e programas ambientais. Então a empresa Furnas, uma assessoria ela evolui para um departamento e depois evoluiu para uma Superintendência. Essa Superintendência, ela depois, ela voltou para engenharia. Não faria sentido, você ter uma área ambiental na empresa, separada do licenciamento ambiental. Isso uma questão circunstancial, depois as pendências. Teve um momento que ela até cresceu, além, na minha opinião. Uma ideia que acho que veio do outro mentor meu, Luciano Monte Pinto, teve um momento que a área ambiental, assumiu a área fundiária. Então teve um momento na nossa trajetória, que a superintendência de gestão ambiental e fundiária. Até pouco tempo era isso, e aí muito grande. Atualmente estamos só com a parte ambiental novamente. Eu acho que funciona bem assim. Mas é isso viu Lucas, é a partir de 87, coincide com a minha entrada na empresa. Quando eu entrei era um nucleozinho mínimo, a área ambiental. E essa estação de hidro biologia piscicultura, propósito, depois ela foi absorvida pela diretora engenharia. O Dirceu ainda era vivo nessa ocasião. Então eu voltei, quando eu sai lá... Aí eu não sei se tem esse mérito, que para sair daquela área operacional. Eu te contei a história do curso de doutorado, tinha meia bolsa e meio salário. Aí quando eu voltei, eu voltei direto para o Rio de Janeiro, eu já não voltei mais para a estação de piscicultura. Votei o pessoal do Rio de Janeiro já me esperava com coisa para mim fazer. Que era esse licenciamento ambiental de Serra na Mesa. Depois a questão do licenciamento das termelétricas. Já tinham aí uma cesta cheia para mim, aqui no Rio de Janeiro, que eu agradeço muito. Mas é isso Lucas, a área ambiental da empresa acompanhou as exigências legais. A expansão então se deu proporcionalmente a aumento das exigências legais, que concerne a área ambiental.

2:27:54

P/1 - E como é que você como é que você experiência Furnas nessa área ambiental em relação a outras empresas, privadas ou públicas brasileiras?

R – Essa é uma pergunta interessante. Aí também é uma evolução, vamos dizer assim, que obviamente ela é pautada pelo universo em torno. O que eu estou falando. Quando eu entrei na empresa, nos tínhamos as concessões. Quer dizer, as empresas atuavam pela regionalizadas, ou seja, Furnas ela tinha sua área de atuação no sudeste, Eletronorte no norte, Eletrosul no sul, assim por diante. CHESTER no nordeste. Então eram concessões. A energia era subsidiada, ou seja. E aí se formou uma cultura de excelência técnica, dentro da casa, muito positivo em vários aspectos, não resta dúvida. Até hoje, Furnas tem uma excelência técnica, que nasceu dessa época, onde ela cultivava mesmo se expertise técnica, ela desenvolvia projetos com zelo, de uma maneira primorosa, que se tornou benchmarking. Furnas é benchmarking em grandes obras de linhas

de transmissão, tem sua excelência. Isso foi acompanhado pela área ambiental. Ótimos profissionais! Ai vem um choque no mercado. Quando essa energia passa a ser mais subsidiada e você tem que competir em leilões, no sentido que você vai conquistar. Você tem que apresentar um projeto, hoje a relação custo-benefício, seja, competitiva. Então isso muda, a gente entra numa época, em que o fundamental é empregar o suficiente no prazo. Desculpa, vi que eu aproximei demais agora de novo. E aí isso trouxe um choque. E gente eu acho, ainda está atravessando ele em termos de nossa cultura, em relação a nossa produção. Nas nossas demandas aí, em relação ao nosso licenciamento, nossos estudos ambientais, nossos procedimentos de controle, de atendimentos emergências e monitoramentos, preventivos. Nós temos que atuar cada vez mais com foco no custo e no prazo. O que eu destaco para você da minha experiência, da trajetória da empresa, da sua evolução. É que houve um tempo que você tinha, não sei se posso dizer mais tempo. Mas você tinha menos empreendimentos e com mais tempo para construir, para colocar em operação. Essa operação tinha um custo subsidiado num certo, vamos dizer assim, diretrizes, metas. A gente não conhecia muito essa dinâmica de meta, de entregar produto em determinado prazo, com uma qualidade suficiente. Então isso que eu destaco para você, em relação à evolução do setor elétrico nacional. De repente a gente se viu obrigado a competir com as empresas privadas. E aí vem toda uma realidade, que não é simples analisar. Houve um momento na nossa sociedade brasileira, que voltaram nossa classe média, que os filhos, a carreira ideal, ou ia para as forças armadas, ou arrumava um emprego numa estatal. E aí era botar o burrinho na sombra. Porque tinha plano de saúde, tinha aposentadoria, tinha todos os benefícios, estabilidade no emprego. E aí essa realidade, isso é mentira, não, não é mentira, mas a partir dessa realidade se estabeleceu um mito, talvez, uma imagem muito negativa do empregado de estatal. Que ele na verdade era um Marajá, ele ganhava para caramba e não trabalhava nada. E rapaz, o que a gente ligou... Principalmente, mesmo na época que a energia era subsidia, trabalhava muito, cara. Não sei se eu por ser mais devotado, mais dedicado. Acontece assim também, se você tá mais interessado no que faz, não para de cair coisa para você. Aí você cresce cara. Na minha época isso se deu de maneira muito intensa. Bom, mesmo quem não estava muito interessado. Eu vou confessar, teve um momento que a empresa, a gente podia até verificar, aqui ou acolá, uma área mais tranquila, que não tinha tanta, que dava para parar as 16h, começando às 9hs. Eu não sei, é difícil falar disso não quero aqui dá impressão, "há eu sempre trabalhei muito e tinha colega que não fazia nada", não é isso! Mas a empresa havia tempos mais tranquilos, é verdade. Onde ela se dedicou, em todas as áreas, em todas as diretorias, a desenvolver sua excelência, nos seus serviços. Todas as áreas, serviços gerais até a financeira, ela sempre primou pela sua excelência técnica. E aí entrou o momento de mercado de energia, setor elétrico, a gente competir com a iniciativa privada, onde eu quero chegar. Aí a gente se deparava, é verdade, com equipes menores, nas empresas. Eu pelo menos, eu tive também esse privilégio de estar a frente de leilões de energia, onde a gente conserva a área ambiental. Tanto leilões de transmissão, como leilões de geração. Porque eu te conto isso. Porque eu tive essa oportunidade de conviver com empresas privadas, a gente formava parcerias, para participar de leilões. Aí eu conhecia muito bem, por dentro, empresas que antes seriam meramente competidoras, mas passou a ser parceira, sócia. Aí eu começo a trabalhar com corpo técnico dessas empresas, funcionamento muito mais enxuto, muito mais enxuto. Aí se você me perguntar. Então você conclui, você concorda que a área ambiental... Vou falar da minha área... Que a área ambiental de Furnas era inchada. Não, não concordo, e não é! Sabe por quê? Porque a realidade da iniciativa privada é uma, da empresa estatal, economia mista, que seja, é outra. Um exemplo que eu te dou, e que isso traz um volume de homem hora, e um esforço, um trabalho. Não sei se você Lucas, nas suas entrevistas, ia ver esse depoimento. O fato de ser uma empresa pública. Vou falar das licitações, por exemplo, você para contratar um serviço, primeiro, você não pode escolher aquele que você tem certeza que vai te entregar o melhor produto, no menor prazo, você não pode. Você tem que abrir uma concorrência. E aí tem todo um procedimento, desde elaboração do termo de referência. Às vezes você tem que buscar lá no órgão ambiental. Isso na empresa privada não é uma realidade. Mas a diferença é na contratação, isso é um exemplo. Por que a equipe de Furnas teria que ser maior? Porque ela é submetida a processos, que requerem muito mais tempo para realizarem, com muito mais gente participando. Porque eles adquirem uma complexidade que eu não vou me atrever a dizer, desnecessária. Mas é só uma realidade. E da mesma maneira, por ser uma empresa pública, ela se expõe a pressões, obstáculos, que eu acho que a empresa privada, sem entrar no mérito, ela tem muitas vezes mais facilidade para resolver. Pelo menos na minha vivência, a quantidade de dificuldades que a gente as vezes se deparava, com órgão ambiental, com o ministério público. É delicado falar disso. Mas eram dificuldade que iniciativa privada, resolvia muito mais fácil. Eu vou dar um exemplo rápido, sem me estender nele. Você tem uma área, você implanta um empreendimento, isso é mais comum com transmissão, passa um tempo aparece uma comunidade embaixo da sua linha. Uma favela em baixo da sua linha de transmissão. Se eu tiver privada, falando abertamente contigo, ela pode chegar lá, negocia com a milícia, negocia com traficante, ela resolve a situação. De uma maneira pragmática ela resolve, porque ela não tem determinadas amarras que nós temos. Então sou da área ambiental, tá muito ligado a impacto, relacionamento com comunidade. Me entenda, eu não estou advogando, ilegalidade não, eu estou dizendo de flexibilidade, de acordo que você pode firmar, que você possa fazer isso dentro de uma legalidade. Mas que função do arcabouço legal, ao qual a gente esta submetida, específico, não pode. Porque senão o próprio ministério, o TCU, você vai preso. Dependendo da criatividade que você tenha para resolver um problema. E é válido aquilo, naquele momento, vários motivos, a possibilidade de recorrer a alguma ação que seja menos convencional, mas obviamente dentro da lei. Uma estatal você não pode. Então às vezes a gente se ressentiu disso, por exemplo, a gente só consegue disputar leilão de energia, porque é uma condição especial, que permite então a estatal ela, por exemplo, contratar sem licitação. No universo de leilão de energia. Porque senão a gente não teria como concorrer, estou dando um exemplo, um prazo sabe. Então é só um exemplo que eu te dou, em questão de agilidade. Me entenda, eu também não estou aqui fazendo apologia da privatização, dizendo: privatizado é melhor. Tudo tem pros e contra. Concluindo minimamente, voltando nos pós e contra. A empresa antiga, que tinha todo um zelo, o tempo até, para caprichar bastante nos seus projetos. Ela trouxe como legado, uma excelência técnica, inestimável. Nós deparamos quando precisa de uma resposta mais rápida e menor custo. A empresa se adaptou, se adaptou sim. Palmas para Furnas. Agora com a questão do teletrabalho, nos adaptamos mais uma vez, a esse desafio de trabalhar remoto. De desenvolver projetos remotos, de analisar estudos remotamente, não de executar, obviamente. Mas é uma parte imensa da nossa atividade, a área ambiental está resolvendo remotamente. Várias áreas da empresa estão dando essa demonstração, dessa competência, essa resiliência. Falando uma experiência da área ambiental, a gente como outras áreas da empresa tem muita dificuldade, pela nossa natureza jurídica. Mas ao mesmo tempo, os nossos projetos, eles têm uma solidez que é muito positiva. Quem trabalha na área ambiental, poder ter um projeto, atendendo uma legislação ambiental rigorosíssima. O lado bom disso, é que você não vai ter surpresas indesejáveis no futuro. Se é que você me entende, um colapso, abrir um buraco, um acidente horrível, Deus nos livre e guarde. Essas coisas sabe como é. Não podemos também nos vangloriar dessa forma. Fui criado em Minas, eu sou supersticioso, não gosto de fazer muita bravata não. Mas Furnas tem uma excelência técnica admirável, parte dessa excelência, foi construída justamente por ser uma estatal. Concluindo, a gente tem esse mérito, essa capacidade, essa resiliência de se adaptar, isso é excelente.

2:44:33

P/1 - Como é que você vê o futuro de Furnas, com relação à questão ambiental? Lembrando que hoje debate sobre energia limpa, no Brasil está

extremamente colocado na sociedade. Como é que você vê o futuro de Furnas daqui a 20, 30 anos?

R - Eu vejo, sinceramente, um futuro promissor. Em que aspecto. Dentro dessa evolução na empresa, a gente, é verdade, entramos numa dinâmica com menos tempo para executar e com obrigação de fazer mais com menos. Desculpa! Fazer mais com menos, exatamente o contrário. Entramos com esse norte de fazer mais com menos. Fazer em menos tempo, e gastando menos, com menos recurso. Mas paralelamente, aí ao mercado, inclusive aí com orientação da nossa Road. Que Furnas é uma subsidiária, correto. Então a nossa Road, ela estabeleceu um planejamento estratégico. Que a gente sempre imagina. Uma empresa desse porte requer um planejamento estratégico, sempre. Mas esse planejamento estratégico, eu entendo que ele se tornou muito mais robusto, de acordo aí também com as exigências do mercado crescente. Isso também, quanto mais o recurso fica escasso, maiores as exigências em tempo dele. Então nós temos um plano diretor de negócios e gestão, num horizonte de 5, 10 anos. Ele é refletido num plano de negócio e gestão de casos subsidiários. Então Furnas hoje tem um plano de negócio de gestão, que tem suas metas e seus pilares. Então falando da nossa área ambiental, existe um pilar todo voltado a sustentabilidade empresarial, ambiental. Onde, por exemplo, hoje nós temos comprometimento com agenda 2030. Que trata justamente das Nações Unidas, um dos objetivos, desenvolvimento sustentável. Então a cada ciclo, do PDNG, Plano Diretor de Negócios e Gestão, de negócios e gestão da subsidiária. A gente rever aí esses objetivos, essas metas e elenca alguns objetivos para um determinado ciclo. Por exemplo, nós temos agora, um dos objetivos elencados, e combate às mudanças climáticas, como, por exemplo. E todas as empresas do grupo, tem hoje uma ênfase muito grande, no desenvolvimento de energias renováveis. Eu ia falar energia limpa, mas eu prefiro o termo energia renovável. Por exemplo, Furnas, a expansão do seu parque Eólico, e agora expansão solar, parques voltaicas. É uma realidade que não tem volta, nós estamos hoje com projetos de pesquisa desenvolvimento, não só em Furnas, mas no âmbito de todas empresas do grupo. Tem vários estudos relacionados aí, as células combustíveis, a como utilizar hidrogênio, estocar hidrogênio e produzir energia de uma forma... Energia distribuída, ou seja, são elementos que nos trazem aí a certeza que a gente está acompanhando as tendências do mercado, e preocupados em acompanhar essas tendências. Então eu sou muito otimista, com relação aí o que eu tenho visto. Eu estou na diretoria de Engenharia e sempre dando apoio aí, nessa transmissão, nessa geração. A geração, linhas de transmissão. E são projetos cada vez mais adaptados, vamos dizer assim, impacto menor e uma resposta as expectativas da sociedade, dessa relação custo-benefício. Então muito gratificante a gente ver hoje projetos aí de implantação de painéis fotovoltaicos, superfície da água num reservatório, como também áreas que estavam sem utilização. Como por exemplo, um aeroporto abandonado, você utiliza para instalar painéis fotovoltaicos. Mas o que eu te digo sinceramente, que eu vejo toda uma evolução no sentido de uma economia de baixo carbono, termo que está na moda. Mas a empresa está dando demonstrações claras, não só Furnas, outras empresas do grupo, que está nessa direção. De instrumento, inclusive relacionados a esse mercado de carbono e certificado de energia renovável, estamos antenados aí para as tendências e voltando a esse planejamento. Eu vejo todas as condições, da gente prosperar nesse futuro que já chegou.

2:51:21

P/1 - Você tem filhos?

R - Eu tenho um filho de fabricação própria e tenho uma enteada. A Júlia já está, formada, criada, inclusive eu não sei se por uma influência minha. Porque quando eu fui morar no Canadá e a mãe dela foi me acompanhar. Na fase final do curso, ela morou conosco lá, quase um ano, uns 8 meses, talvez. E a experiência foi tão forte para ela, que depois ela seguiu os caminhos do padrasto. Hoje ela mora e trabalha na Alemanha. Ela fez jornalismo, acabou, foi fazer o mestrado lá, e acabou ficando. E o João tá com tá com 21, é bom o João, não tem como esquecer a idade dele, porque ele nasceu em 2000. É só lembrar o ano, que é a idade dele.

2:52:45

P/1 - Você lembra o dia que nasceu os seus filhos, como é que foi?

R - Lembro claramente, na verdade mais o João. Já que você perguntou de filhos, eu quando casei pela primeira vez, eu adorava um gracejo. Eu dizia o seguinte: poxa, gostei tanto de casamento, que eu quero experimentar várias vezes, achei casamento tão bom, que eu quero casa várias vezes, a minha fala. Na verdade, como eu te expliquei, não sei se você viu a sutileza disso. Eu casei para morar com uma mulher, em vez de morar com homem, preferi morar com mulher. Gosto não se discute, o meu é esse. Eu queria ver as roupas da minha menina no varal, não do meu amigo. Aí eu casei. Aí foi uma festa, o casamento foi uma festa, república estudantil. Não quero me aprofundar muito não. Mas durou sete anos, tenho só gratidão a minha esposa. Mas sem quere romantizar demais, não quero sair muito disso daqui. Na verdade eu casei a primeira vez para esquecer a minha atual esposa. Você acredita nisso? Eu sou casado com amor da minha vida. Eu quis sair de Belo Horizonte, fazer o mestrado fora. E um carnaval em Diamantina, antes desse concurso, eu conheci a minha primeira mulher no carnaval. Eu comecei a namorar imediatamente. Aí demorou talvez uns oito meses para casar com ela. Agora a minha atual mulher, eu conheci ela na adolescência, já era grandinho, já tinha os meus 18 anos pelo menos. Bom, mas o fato é que eu e minha mulher, fizemos recentemente 25 anos, é bodas de prata, que na atualidade isso equivale a bodas de ouro. Atualmente ficar casado com alguém 25 anos, isso era normal na época da minha mãe, meu pai, atualmente não é mais. Para conseguir contra todas as apostas, você sabe como é, meu segundo casamento, e segundo casamento dela. Mas aí eu não vi Júlia nascer. Estou contando essa história toda, porque eu não vi Julia nascer. Foi amor à primeira vista, quando eu a conheci foi muito legal, desde então a gente tem uma relação maravilhosa, inclusive diplomas que eu ganhei no Canadá. Eu falava assim para ela, estava na pracinha, falava assim: Júlia vamos para casa que está na hora de você ligar para o seu pai. Ela olhava para mim falava assim: André me dá um abraço. Ou então, eu estava sozinho com ela em casa, e ela falava assim ô mãe! Ela me chamava de mãe às vezes, pra você ver qual era o nível da relação. Eu não vi Julia nascer, mas o João, na verdade foi cesariana, foi muito comum na geração dele. E foi em 14 de janeiro muito quente, numa Perinatal lá em Laranjeiras. E eu acompanhei o parto, é uma emoção indescritível. Não sei você já tem experiência, teve filho? Pois é, é indescritível a experiência. Realmente muda tudo, muda tudo em sua vida. Eu sinceramente, de coração, não podia ter tido projeto melhor na minha vida. É uma missão maravilhosa! Eu recomendo, companheiraço! Inclusive nessa realidade de quarentena, é muito difícil para ele. Mas que companhia, cara, nos momentos que a gente fica assim, eu te falo o seguinte, se precisar de uma pessoa engraçada ele não serve. Podia tentar lembrar alguma dele aqui agora, mas vamos em frente. Então é isso, eu tenho um de fabricação própria, uma enteada maravilhosa, uma capacidade de realização, uma nobreza, que também a Julia é fantástica. Ela consegue ser aquela filha, que consegue ser mais ajuizada que os pais. Porque acho que tem essa tendência também, menina normalmente e mais, normalmente é mais tranquila que os rapazes.

2:58:55

P/1 - Me conta um pouco mais dessa história de você e da sua atual esposa. Você se apaixonou mais jovem, e como é que foi o reencontro depois? Como é que isso aconteceu?

R - Olha só, se me permite, a atual é minha definitiva. Mas vamos em frente, que o futuro a Deus pertence. Mas vamos lá! Eu conheci a Patrícia retornando de uma Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, ia falar SPPC, nem sei se existe mais. É um congresso em Salvador.

Retornando de um congresso em Salvador, eu encontrei com ela, no sul da Bahia. Na verdade teve um momento épico na minha vida, que eu desci desse SPPC, eu decidi, de lá fui para Ilhéus, um lugar perto de Ilhéus. Aí lá nesse lugar perto de Ilhéus, eu não sei porque, eu acho que eu tinha notícia de uns amigos que estavam no sul da Bahia. Eu peguei uma carona com um casal de electricista, que também estava no SPPC. Eu acho que também tinha descido para um evento lá em Ilhéus. Eu peguei uma carona com eles, até esse lugar no sul da Bahia. E aí eu cheguei lá no local, aí eu estou lá, acabei de chegar, fui limpar a goela, como dizem. Aí chegou no butequinho que eu parei, aí chegou assim, “você o André?”. “Sou!” “O Joza está te esperando lá na casa dele.” Era um amigo meu. Aí, eu fico impressionado com isso, porque eu sei do lugar que eu estava de carona, cheguei nesse lugar. A não, porque eu fui para um lugar antes, que eu resolvi não ficar, aí peguei mais uma carona e cheguei. Eu sei que eu viajei de carona o dia inteiro. Chego lá. Antes pensando onde que eu ia ficar, já tem um lugar para mim ficar. Eu chego nessa casa, casinha de beira de praia. Casa de pescador, rapaz ele estava cercado de gatinha. Tinha um outro compadre lá, só gatinha. Me sai uma gatinha do quarto, cara. Nossa, vou chorar por outro motivo, era a Patrícia. O chão abriu sob os meus pés. Eu olhei aquilo, e falei, eu fiquei bobo. Aí as coisas que você deve viver, não sei aí a sua geração, mas essas coisas de jovem. Eu modéstia a parte, eu me dava muito bem com as mulheres. Mas essa que eu apaixonei, cara. Eu não conseguia conversar direito, fiquei travado de tanto que eu fiquei doido com a mulher. Porque que eu conto isso. Aí ela disse, que também foi amor à primeira vista, tem que acreditar, não sei. Eu fiquei chapado, nossa! Aí a gente ficava naquele vai que não vai. Mas concluindo, eu acho que foi isso também, aquela menina que eu conheci, que caiu não caiu nos meus braços, aquela coisa. Nunca desejei tanto a mulher, e ela não se entregou dessa maneira como eu estava acostumado. Bom, o fato é que a gente não namorou efetivamente, vou dizer assim, ficamos juntos, ria muito, adorava ficar junto. Mas não namoramos. Aí eu mudei, para o interior de São Paulo. Aí ela casou e eu também. Fiquei 7 anos com minha primeira mulher. Separei, fui numa vernissage em Belo Horizonte, isso antes de ir para o exterior. De uma artista plástica amiga nossa, em comum. Ela estava lá. O fato que eu te destaco é o seguinte, durante os sete anos que eu fiquei casado, eu não encontrei com a Patrícia uma única vez, achei isso muito curioso. Porque eu era, como diria minha mãe que já foi psicólogo, eu tinha labilidade afetiva. Interprete como quiser, labilidade é um jeito bonito de falar, galinha né. Bom, eu sei que eu era um cara fácil assim de namorar. Durante sete anos que eu fui casado não encontrei com ela uma única vez. Separei, encontrei com ela na vernissage. Que eu estou te contando. Aí eu chamei ela para sair no dia seguinte, ela falou que não podia. Isso antes para mim já ia me barrar, mas já sabia um pouco da vida, falei: e no sábado? Aí insisti! No sábado rolou! Eu sei que eu fui buscar ela no trabalho dela, meio dia no sábado. Devolvi ela em casa, às 3 horas da manhã do domingo. E aí começou um problema, que me acabou com nosso casamento, que está até hoje. Mas voltando a falar da nossa união atual. Interessante essa coisa da nossa cultura, da aliança. Aliança é uma coisa que se dá num nível profundo, quando você tá com uma pessoa, não é um metal precioso no dedo, simplesmente isso. Mas o que eu posso te dizer. Ela disse que ela estava esperando, ela sabia que eu ia virar um homem que valeria a pena, essa é a fala dela. Ela esperou passar pela fase de moleque, para chegar junto, é isso. Eu posso te dizer né Lucas. Eu posso te dizer, foi muito bom, cara! Ela foi morar lá, o dia que ela chegou, a gente foi lá para Thomson House, que é um pub. Lá é mais que isso, uma casa clássica, vitoriana, que tem lá do lado do centro. E o pessoal, a gente ia para lá, tomar aquele pints, aquelas copão de cerveja, salgadinho, amendoim, aquele negócio. Aí eu vou ao banheiro, na hora que eu volto tá todo mundo rindo. A Patrícia tinha ficado com os meus colegas, minhas colegas, eu fui no banheiro, quando eu volta está todo mundo rindo. Eu falei: o que foi que aconteceu? “A gente perguntou para ela o que ela estava achando de nós, ela disse que achava a gente meio primitivo, mas estava gostando.” Um senso de humor particular, mas é isso aí.

3:07:14

P/1 - O que você pensa do seu futuro, você tem algum plano ou não? Como é que tá?

R – Temos um plano muito bom, rapaz. A gente tem uma perspectiva de se recolher numa casinha na serra, eu, Patrícia e João. Isso é muito fortuito, se a gente conseguir essa dádiva aí. Porque tanto eu, quanto ela, gostamos muito de natureza. Casinha na serra, e o nosso filho tá começando a entender aí a alegria que é isso. Última vez que a gente visitou a região, ele agradeceu muito, ficou muito feliz. Então sobre planos, eu felizmente ainda tenho umas tarefas aí para desempenhar na nossa organização. Espero seguindo aqui a nossa tradição, entregar o que eu puder, da melhor forma. Eu tenho que aproveitar minha memória técnica nesse período que me resta e impulsionar os nossos valores aí. Sinceramente eu tenho isso como um grande estímulo. Deixa aí os novos crescerem dentro das suas atividades, são ótimos profissionais que a gente tem. Que eu tenho o privilégio de trabalhar junto. Nós adaptamos aí ao tele trabalho. Isso aí Lucas, eu acho um mérito muito grande também. Então voltando a essa adaptação, inclusive para perspectivas aí nesses próximos anos, de talvez, já que a gente tem essa mobilidade reduzida. Poder exercer tal tele trabalho num ambiente mais espaçoso, onde seja possível ter um ar livre. Na verdade, a minha maior ambição, vamos falar de ambição, minha maior ambição hoje, eu fico realizado com ela, é abrir caminhos. Eu sempre tive uma visão do gestor, do gerente. A minha função é ser facilitador. Nem sempre eu consigo, posso ter falhado algumas vezes, nessa tentativa de facilitar e posso não ter facilitado. Perdão, aqui em público, às vezes isso pode ter ocorrido. Mas pode ter absoluta certeza, que a minha intenção era facilitar os processos da empresa em primeiro plano. Quando isso coaduna com os processos, ou as ambições pessoais. É o melhor dos mundos né. Você conciliar o melhor para empresa, com o melhor para o profissional, é tudo que a gente deseja. Eu sempre tive essa visão que se espera. Principalmente na posição de gestor, seria como facilitador, deixando uma posição de gestor, ou ainda acompanhando eventualmente. Eu continuo com essa grande ambição minha, no momento é de abrir caminho. O que eu puder ajudar, nortear, propiciar o que eu conheço aí. Os caminhos dos sucessores, não sei se pode ser dizer assim, mas os nossos colegas que ainda tem uma trajetória maior pela frente. A minha aí, já estou contando o calendário. Mas entenda, muda o foco, mas não muda a disposição nem alegria, de fazer parte aí de uma grande organização como a nossa, só agradecimento meu. Porque dura até o final. Conheço novamente, eu acho que a minha função hoje maior, é abrir caminho no que eu puder. Propiciar projetos e estimular aí o desenvolvimento dos projetos e novos valores.

3:12:44

P/1 - Como é que foi contar um pouco da sua história para gente hoje André?

R - Fui tomado de emoções que eu não esperava. Consegui não chorar em momento algum, eu não tenho problema em chora não tá. Ainda é da minha geração, história que homem não chora. Mas sinceramente, eu agradeço muito a oportunidade. Foi uma experiência muito boa. Talvez tivesse outros nomes para citar aí, ao longo da conversa, de pessoas que eu agradeço. Mas é uma lista muito longa, eu até acho bom então, que nem houve esse espaço, se não eu poderia me esquecer de alguém. Mas eu quero destacar isso, eu sou muito grato a todos, compartilhar o espaço de trabalho. Voltando a história dos alunos, aluno e professor. A todos que eu fui aluno e a todos que eu fui professor. É uma riqueza imensa, eu devo estar em Furnas à 34 anos. É uma vida que eu usufruí. Mas novamente Lucas, eu me impressionei, eu não esperava eu me emocionar, fazer essa retrospectiva. Mas você já deve estar acostumado. Você me conta me conta da emoção do entrevistado. Eu acho que é comum, deve ser bem comum né. Fazendo essa retrospectiva eu fico muitíssimo feliz sabe, porque de coração, se eu tivesse me despedindo desse

plano neste momento. Fala assim, qual palavra que te vem agora, sua frente? Agradecimento, agradecimento. Porque são oportunidades que são oferecidas, que na medida que você aceita, vem um cabedal de conhecimento, de aprendizagem e de interação. Eu acho que acaba sendo o sentido de tudo na nossa vida pessoal, como profissional. Essa troca. Concluindo aqui, que eu acho que é uma sorte na verdade. Eu conheci gente muito rica, que não precisava trabalhar. Uma coisa que me chocou, me marcou pelo resto da minha vida. Quando eu conheci um pescador pobretão, cara, muito pobre, feliz. Eu vi a felicidade do cara. E conheci pessoa que tinha avião, tinha casa na praia, fazenda, sinceramente cara, sem querer falar bonito. Essa história, felicidade não traz felicidade, mas mandar buscar. Olha, conheci gente riquíssima, que não era feliz. Onde eu quero chegar. Que sorte, que benção eu ser obrigado a trabalhar para viver. Porque dessa maneira você é obrigado a se superar em vários momentos. A enfrentar diversidade, dificuldades, superação, a palavra é essa. Ai você cresce, você cresce na superação. E estamos todos aqui, eu acho que a finalidade é essa. A gente se torna pessoas melhores. Eu quero ser bastante positivo, essa fala, quero pensar se existe exceções ou qualquer coisa que vala. Vamos falar de nome, vamos falar da gente. Eu realmente, eu tenho essa experiência, de você olha pra traz, “isso daqui eu melhorei?”. Então eu acho que é isso ai para tudo. Muito obrigada a Furnas, muito obrigada a Furnas, está no meu coração. Precisava ter arrumado um logo aqui para a camisa, é isso, visto a camisa.